

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO — ISIDORO DUARTE SANTOS

ANO 3.º

LISBOA, JANEIRO-FEVEREIRO DE 1942

N.º 15

O PODER MENTAL

FORMAS-PENSAMENTO E FORMAS ASTRO-MENTAIS. EGRÉGORAS

pelo Dr. António J. Freire

II

○ termo genérico — *formas-pensamento* — ainda que vulgarizado por grande número de autores no seu significado global e totalitário, não é rigorosamente exacto na prática corrente das manifestações psíquicas da actividade humana no seu actual estágio evolutivo.

Sendo dado que a Humanidade é impulsionada profundamente no exercício do seu complexo psiquismo pelas emoções e paixões na maioria das suas manifestações intelectuais, conclui-se que as formas-pensamento em que só domine a substância mental na sua genuína pureza, não devem ser vulgares. Até mesmo as mais altas especulações abstractas, matemáticas ou filosóficas, não estão isentas da emoção inerente à natureza humana.

A maior parte dos nossos pensamentos são estimulados por emoções, sentimentos e desejos, determinados por estados de alma passionais, donde resulta organizar-se, não um simples pensamento projectado pela vibração do respectivo corpo mental, mas um *pensamento-emoção* de natureza

mais complexa na sua dualidade. Esta entidade, com vida própria e autónoma, logo que seja projectada para o exterior (meio metetérico), é organizada pelas substâncias constitutivas dos corpos mental e astral (perispírito) e envolvida automaticamente pelas essências elementais correlativas aos mundos mental e astral.

Por êste motivo, alguns autores e clarividentes designam as formas ligadas simultaneamente às manifestações dos «pensamentos e das emoções» — *formas astro-mentais* — termo mais correcto por traduzir a sua dupla composição originária. Outros autores designam indiferentemente por *elementais artificiais*, tanto as formas-pensamento propriamente ditas, como as formas astro-mentais. Em geral, estas três designações são empregadas correntemente como sinónimas.

* * *

O estudo da origem, mecanismo e acção das formas astro-mentais abre novas vias

e uma extensa amplitude para o problema do conhecimento humano. É um dos capítulos mais proveitosos e fecundos em realizações práticas para todos aqueles que se interessam pela sua evolução individual, e queiram contribuir para acelerar o progresso espiritual da Humanidade. Ricos e pobres, sábios e incultos, podem prestar, independentemente do espaço e do tempo, os mais valiosos serviços à evolução individual e colectiva desde que saibam manejar a potentosa força mento-emocional, apanágio de toda a criatura humana, fazendo irradiar pensamentos de paz e de fraternidade, traduzidos em preces sinceras e fervorosas.

Todo o homem digno e honesto sabe medir e orientar os seus actos e palavras dentro duma impecável linha de conduta moral, mas, infelizmente, poucos são aqueles, por enquanto, que sabem compreender e avaliar devidamente a grande responsabilidade e nocividade dos maus pensamentos que julgam ficar recônditos no seu íntimo mais oculto. Por vezes, muitas vezes até, um pensamento impregnado de ódio ou de inveja, de vingança ou de ingratidão, tem uma acção incomparavelmente mais nefasta e duradoura do que os maus actos ou palavras, tal é o poder irradiante dos pensamentos-emoções recalcados e repetidos. Em geral, a malquerença e as pragas regressam, intensificadas, à sua fonte de origem. O estudo do dinamismo das formas astro-mentais explica cabalmente esta complexa trajectória, dando uma solução para a compreensão doutros fenómenos supranormais.

* * *

As formas astro-mentais, provenientes do dinamismo inerente à génese da infinita variedade dos pensamentos e emoções, são constituídas por três elementos fundamentais:

1.º — A projecção para o meio exterior atmosférico (metetérico) duma forma fluante, variável nos seus contornos e coloração com a natureza do pensamento-emoção, constituída por substâncias fluídicas provenientes dos respectivos corpos mental e astral (perispírito);

2.º — Um envólucro de essência elemental atraída do meio ambiente;

3.º — Uma vibração propagando-se em

todos os sentidos à semelhança das ondas hertzianas em que toma parte activa a essência elemental.

A essência elemental é, em última análise, uma degradação da essência monádica no seu arco descendente, impregnando e vivificando toda a extensão dos mundos causal, mental e astral ⁽¹⁾.

No ponto de vista geral, a vibração irradiando da forma astro-mental tem uma acção colectiva infinitamente superior pela sua maior amplitude à forma astro-mental propriamente dita. Emquanto as ondas vibratórias tendem a provocar pensamentos-emoções de natureza *análoga*, a forma astro-mental determina no percipiente ou receptor um pensamento e emoção *idênticos* aos emitidos pelo agente-emissor. Assim: as ondas vibratórias irradiando duma prece fervorosa a Jesus Cristo pela paz da Humanidade despertará o sentimento religioso próprio a cada indivíduo na sua esfera de influência e confissão religiosa: *idêntico* para os cristãos, *análogo* para os crentes doutras confissões religiosas — para os budistas despertará a sua adoração e anseio de paz por intermédio de Buda; para os muçulmanos por Alah; para os hindus Krishna; para os brâmanes Brama; para os judeus Jeová; para os parses Ahuramazda, etc. O conteúdo, a essência e a alma da entidade astro-mental desta prece a Jesus, pela sua natureza cristã, só poderá penetrar e fundir-se na aura dum devoto cristão por só nela encontrar a sintonia correspondente à identidade do seu pensamento religioso numa harmónica correspondência vibratória.

Compreende-se, assim, o alto valor da prece, independentemente da confissão religiosa a que pertençam os crentes, pelas correntes vibratórias de religiosidade que lançam através do espaço, despertando e vivificando o sentimento espiritual em todos os crentes seja qual fôr o seu credo religioso.

Essas vagas de religiosidade difundindo-se em todos os sentidos, de polo a polo, de mundo a mundo, não têm o condão de actuar sobre materialistas, ateus e agnósticos de forma a operar conversões imediatas por não existir a afinidade psíquica, a receptividade indispensável para essa

(1) Coronel A. Powell — *Le Corps Mental*. trad. franc. Paris, 1929.

ordem de pensamentos entre crentes e ateus, estes, pela sua irreligiosidade, refractários e assintónicos a tôdas as correntes espiritualistas. Entretanto, as preces dirigidas a todos aquêles que não participam de crença ou sentimento algum religioso vão concorrer para a sua futura espiritualidade, despertando, embora lenta e gradualmente, a substância do sector religioso latente, inerte e embrionária nos seus corpos espirituais.

A ciência clássica, oficializada nas Universidades, «os espíritos-fortes», os livre-pensadores, (adoptando, aliás, por bandeira uma fanática e insubsistente irreligiosidade materialista), ridicularizando a prece e o sentimento religioso, mal se apercebem do seu complexo dinamismo e do efeito benéfico que exercem na intensificação religiosa da Humanidade, uma das bases fundamentais da sua evolução moral e espiritual, terrestre e supra-terrestre.

Não é dentro do negativismo e do ateísmo que podem radicar-se, florescer e frutificar as ideologias mais belas e sedutoras, seja qual fôr o seu valor intrínseco nos pontos de vista político, económico e social porque na sua execução prática só impera o egoísmo e tresloucadas ambições. O seu máximo rendimento, a marcha triunfante do progresso humano, sem colisões, sem dissonâncias, as legítimas reivindicações sociais e proletárias, só serão obtidas na plenitude das suas realizações e direitos quando os falsos condutores dos povos tiverem compreendido os dois polos onde gravita a evolução espiritual — *a liberdade e a fraternidade cristã* — quando a Humanidade compreenda, pela inteligência e pelo sentimento, o Divino Plano da Criação, visualizando a luminosa avenida que tem de percorrer através do reencarnacionismo e do karma a-fim-de atingir o seu destino glorioso e divino.

* * *

A vitalidade das formas astro-mentais e a amplitude das suas ondulações são variáveis no tempo e no espaço proporcionalmente ao esforço volitivo e à tensão emocional dos seus progenitores, podendo manter a sua energia e actividade, benéfica ou maléfica, durante anos e séculos, particularmente quando fundidas idênticas formas astro-mentais num mesmo núcleo,

congregando-se e alimentando-se sinergicamente por pensamentos-emoções do mesmo grau e ritmo vibratório, constituindo, assim, as *egrégoras*.

No seu significado moderno, as egrégoras são entidades mento-emocionais colectivas, aglomerando intimamente um número variável de formas astro-mentais provenientes de origens diversas, mas idênticas pela sua atracção sintónica, igual ritmo vibratório e a mesma finalidade, dispondo, por vezes, dum potencial de força considerável durante séculos sucessivos.

As egrégoras são factores de capital importância nos resultados obtidos nas «cadeiras mágicas» e em grande número de fenómenos supranormais, anímicos e espiritas.

Em todos os tempos, tanto a magia branca (teúrgia), como a magia negra (góecia), se serviram dêstes elementais-artificiais-colectivos para beneficiar a Humanidade, para acelerar ou retardar o progresso mundial. Lutas temerosas se têm travado, entre as egrégoras ao serviço do Astral superior e do Astral inferior nelas participando, mais ou menos conscientemente, muitos dos habitantes terrestres, nomeadamente durante e depois das guerras contemporâneas.

Por vezes, as egrégoras formadas nas associações e colectividades humanas constituem o ponto de apoio para a acção benéfica ou nociva dos espíritos desencarnados que as ficam manobrando, insuflando-lhes nova energia, mas sem poderem alterar o seu objectivo.

Ao termo egrégora tem correspondido, no decurso dos séculos, significados os mais variados, confusos e incongruentes, nas escolas ocultistas antigas e modernas.

Henoch designava por egrégoras os Beni-Elohim, a que faz referência o cap. VI da Génesis mosaica, que, descendo à terra, desposaram as filhas de Set, procriando «Gigantes», transmitindo-lhes o conhecimento das artes magníficas da goécia.

Elifas Levi, talvez influenciado por Henoch, considerava as egrégoras como legiões de espíritos temerosos e malfazejos ainda que insuficientemente caracterizados. Mais tarde, E. Levi, tomando talvez em consideração o significado etimológico do termo egrégora — amparo, protecção, vigilância — definiu-as como uma hierarquia de espíritos superiores, de acção e de

energia, dirigindo as almas no seu progresso espiritual.

Algumas escolas ocultistas orientais consideram as egrégoras, umas vezes, como categorias de seres cujo corpo fluídico e essência são tecidos de «Luz Astral»; outras vezes, como «sombas eterizadas» de espíritos planetários de ordem superior.

Para alguns autores as egrégoras correspondem aos Anjos da Guarda dos católicos.

Na literatura neo-espiritualista as egrégoras não correspondem a espíritos propriamente ditos, não tendo individualidade própria e original, nem duração indefinida, representando apenas a fusão de pensamentos e emoções, idênticos por natureza e finalidade, atraíndo-se por afinidades psíquicas e vibratórias similares, organizadas por substâncias mental e astral, tendo por envólucro as essências elementares correspondentes.

* * *

Se uma simples forma astro-mental de carácter individual, quando enunciada mentalmente com precisão e vigorosa tensão volitiva, pode produzir efeitos assombrosos, maléficos ou benéficos, quer pela idéia que a organizou, provocando no corpo mental do percipiente pensamentos idênticos e emoções similares no seu corpo astral, quer pelas vibrações que irradia influenciando todos aqueles que se encontram em sintonia dentro do seu raio de acção, fácil é compreender a acção dinâmica duma egrégora que, como entidade colectiva, actua como uma bateria de acumuladores mentais e emocionais na sua vasta esfera de influência.

Muito embora só visível aos clarividentes proficientemente treinados, este potencial de forças mento-emocionais egrégorizadas envolve nas suas ondulações toda a Humanidade, que a seu turno, mais ou menos conscientemente, vai reforçando com as suas energias psíquicas, projectando para o exterior um manancial de imagens e de formas astro-mentais que vão influir na estrutura do seu carácter e na sua linha de conduta.

É neste oceano fluídico de imagens e de *larvas*, tecidas das substâncias mental e astral do perispírito, mais ou menos egrégorizadas pelas suas afinidades psíquicas

e ritmo vibratório, que todos nós vivemos e agimos, muitas vezes influenciados pela sua acção nociva que, infelizmente, prevalece na época presente devido ao atrazo moral e perversão geral que dominam o nosso planeta.

A estes centros irradiantes de forças emocionais, maléficas e nefastas, de efeitos reversíveis onde encontrem a mais insignificante brecha nas auras do seu campo de acção, só poderemos opôr uma barreira intransponível purificando os nossos pensamentos e sentimentos dentro dos preceitos cristãos e cultivando na vida íntima e social um elevado e nobre Ideal espiritualista. Desta forma, as auras psíquicas assim organizadas pela subtilidade e pureza das suas substâncias perispirituais saberão repelir todos os ataques das egrégoras ascendentes, provocadas e dirigidas por espíritos desencarnados ou encarnados, que serão vítimas do «choque de retorno», e, assim, «o feitiço voltar-se-á contra o feitiço».

* * *

Todos os agrupamentos humanos, sociedades e associações, religiosas, científicas, políticas, comerciais, etc., possuem as suas egrégoras privativas resultantes da integração dos pensamentos e sentimentos similares dos seus fieis e filiados, reunidos em volta dum ideal comum. A comunhão de ideal ou de interesses numa plena harmonia do conjunto, sem dissonâncias malévolas por parte dos membros de qualquer colectividade, em especial de carácter religioso, imprime um vigoroso e benéfico *elan* à correspondente egrégora que, assim, se transformará numa vigorosa força de protecção e vigilância perante todos os associados, assumindo as proporções dum verdadeiro e dedicado Anjo tutelar, particularmente quando um espírito desencarnado toma a seu cargo a revitalização e direcção dêsse elemental colectivo. A discórdia ou malevolência entre os associados de qualquer colectividade pode provocar a desintegração e morte da egrégora privativa, podendo resultar dêsse facto graves prejuízos morais e materiais para os respectivos associados.

É sempre conveniente pedir o patrocínio dum espírito superior para padroeiro de

UMA HISTÓRIA DE MACACOS

pelo Coronel Faure da Rosa

[I, há tempos, num jornal que, no Estoril, um automóvel onde viajava um «senhor de importância», chocara com outro carro, tendo resultado um ferido de gravidade, pelo menos, dentre os passageiros do segundo veículo. O «senhor de importância» deu-se pressa em sair do automóvel e desatou a correr para a estação próxima do tramuei eléctrico. Nem olhou para trás, tão açodados andam sempre estes «senhores de importância».

Eu pus-me, então, a recordar aquêlê velho macaco babuíno que, após perigosa marcha, acorrêra à rectaguarda para salvar um meúdo da sua espécie, todo transido de pavor no pedregulho em que se alcandorara e que a matilha ameaçadora rodeava. Eis o caso.

Conta Axel Munthe ⁽¹⁾ que, no Jardim Zoológico de Paris, havia uma espécie de «Aldeia de Macacos», onde, nas grades duma gaiola, se lia o seguinte distico: *Babuino — Velho macaco da Abissínia.*

O babuíno é um grande macaco de África, e dá o seu nome a uma das seis espécies conhecidas de cinocéfalos: quer dizer, de macacos cuja cabeça se assemelha à do cão. A parte superior do corpo é dum amarelo esverdeado e o focinho alongado tem o aspecto

de carne lívida. A cauda é, geralmente, comprida. Acrescente-se a isto o ornamento dum par de suíças largas, esbranquiçadas, e poderá fazer-se idéia de quanto é cómica, risível, a figura do babuíno.

Os cinocéfalos vivem em bandos conduzidos por macacos machos, velhos. É notável a coragem com que se defendem tanto do homem como de todos os animais que os atacam.

Depois dos antropóides, os cinocéfalos são considerados os maiores macacos conhecidos. Alguns dêles chegam a atingir a altura de 1^m,30.

Pois o *babuíno, velho macho da Abissínia*, estava sentado dentro da gaiola e parecia mergulhado em graves reflexões. De tempos a tempos, porém, lançava um olhar rápido em volta de si, um olhar inteligente onde se descobria uma ponta de malícia.

Quando o negro tratador se aproximava da gaiola, o babuíno mostrava-lhe uma fiada de dentes brancos muito pouco diferente da dêle. O negro, de quando em quando, aconselhava

(1) *Hommes et Bêtes.*

qualquer colectividade, sob invocação e preces dos seus filiados.

* * *

A influência das egrégoras tem uma prodigiosa acção na génese e estrutura, das qualidades e defeitos, de virtudes e vícios, de antipatias e simpatias, dos preconceitos e superstições, nas raças, nações e povos mundiais, provocando e alimentando pela sua potente acção vibratória pensamentos e sentimentos congêneres donde têm resultado os mais sangrentos conflitos raciais.

A egrégora atea e agnóstica, que ainda domina e obscurece o pensamento contemporâneo, é um exemplo clássico do poder acumulado pela actividade científica

dos últimos séculos, continuando a reagir depois da refutação integral do materialismo por sábios de envergadura de Hans Driesch, Bergson, G. Geley, E. Bozzano, e tantos outros sábios de valor consagrado, baseados, em grande parte, nos fenómenos supranormais no domínio do Espiritismo e da metapsíquica. A Egrégora Crística certamente acabará por dominar a Egrégora materialista na sua íntima e fecunda aliança com a Egrégora Neo-espiritualista.

O triunfo do espírito sobre a matéria está assegurado dentro do dinamismo evolutivo para que a Humanidade, expurgada da sua natureza animal e passional, possa ascender às suas possibilidades divinas através do altruísmo e da fraternidade humana, tendo por modelo Jesus Cristo, o Homem-deus.

o público a não aceitar a mão rugosa que o velho macaco oferecia pelo intervalo dos varões de ferro, e, a-propósito, contava que o macaco traçara o dedo polegar duma velha dama que se entretivera a arreliá-lo com a sombrinha. Talvez por virtude desta recordação é que Axel Munthe ia sempre prevenido com um pedaço de açúcar...

Este macaco, seria descendente do heróico e velho babuíno que Brehm encontrou uma vez na Abissínia?

É a história da heroicidade deste velho babuíno que vale a pena ler e meditar.

Um dia, durante uma das suas expedições científicas, Brehm — célebre naturalista alemão, autor da *Vida dos Animais* (1829-1884) — encontrou um grande bando de babuínos que marchavam ao longo dum estreito desfiladeiro em direcção a uns rochedos elevados. Ainda a guarda da rectaguarda desta tropa não tinha saído da estreita passagem, quando os cães de Brehm se precipitaram para lhes cortar o caminho.

Ao verem o perigo, os babuínos, que já tinham alcançado os primeiros rochedos, vieram em socorro dos atacados; e tais gritos soltaram que os cães retiraram.

A tropa dos babuínos, em fila indiana, continuou a marcha interrompida; mas, de novo, os cães se atiraram em sua perseguição. Entretanto, todos os macacos tinham atingido os rochedos, onde estavam em segurança, excepto um, pequeno, que ficara atrás. Os cães rodeavam-no, de goela aberta, e o macaquito, com gestos aflitivos, lá conseguiu trepar para um pedregulho.

Então, um velho babuíno desce dos rochedos, sózinho, e, pela segunda vez, avança para o pedregulho a que o pequeno macaco trepara e se agarrava: acaricia-lhe as costas, ergue-o com carinho e leva-o, triunfantemente, ali mesmo, no nariz da canzoada, de tal forma surpreendida e impressionada, que nem tempo teve para se atirar a êle.

Não é necessário ter lido Darwin para nos convenceremos de que este macaco é um herói.

* * *

Axel Munthe tem observado que até os espectadores de «bom coração» têm o ar de quem não sente grande pena pelos macacos cativos. O macaco — escreve Munthe — desempenha na «menagerie» o mesmo papel que Dom Quichote na literatura: o observador superficial considera-o exclusivamente cómico e

ri-se dêle. Mas, quem o observar com mais atenção, reconhece que a vida do macaco, detrás das grades da gaiola, é uma verdadeira tragédia como o livro imortal de Cervantes.

Quem observar o macaco engaiolado, com cuidado, sente uma terna simpatia misturar-se com os seus sorrisos. Há afinidades entre esses dois tipos antiquados: «Dom Quichote continua a desempenhar o seu papel de herói errante muitíssimo tempo depois do desaparecimento da epopeia da cavalaria; e o macaco, de face velosa, fantasma do mundo animal transitório, reflecte já a alvorada do dia do nascimento do homem.

«O babuíno pode parecer muito feio, mas como a apreciação da beleza é um acto inteiramente individual, muitíssimo provável é que, por seu lado, o babuíno também nos ache a nós muito feios».

Quem não puder reprimir o riso quando olhar para este macaco, evite que êle se aperceba, porque — como todos os macacos — o babuíno irrita-se se troçam dêle.

«Esse velho babuíno é profundamente desgraçado: mais inteligente que os outros animais da «menagerie», a sua capacidade de sofrimento é maior, porque todos nós sabemos que o sofrimento é função intelectual. Só o macaco compreende a sua situação desesperada, e a sua actividade cerebral incessante, impede-o de se resignar com a sua triste sorte.

«Mas em compensação, o macaco possui um senso que falta aos outros animais. Esse senso, que o não deixa cair na hipocondria, é o seu humor. Todos que têm podido observar o macaco em sociedade, quer no Jardim de Aclimação, em Paris, quer no Zoo, em Londres, sabem que o macaco nasce humorista. Esse humor não abandona, até nem o pobre macaco solitário. Mais duma vez, depois de ter estado a olhar a cara expressiva do velho babuíno, eu perguntei a mim mesmo se êle não troçava de mim».

* * *

Parece que os macacos e outros animais, a que teimamos chamar «inferiores», praticam melhor a solidariedade do que os homens...

Entre nós humanos... é uma lei quasi constante ⁽¹⁾ passar-se metade da vida em guerra. Um francês chamado Laponge, calculou que de 1100 a 1500, a Inglaterra esteve du-

(1) André Marois: *Les Silences du Colonel Bramble*.

zentos e sete anos em guerra e duzentos e doze desde 1500 a 1900. A França corresponde, respectivamente, cento e noventa e dois e cento e oitenta e um anos. Laponge calculou que a guerra mata dezanove milhões de homens em cada século. O sangue destes homens — afirma o mesmo escritor — encheria três milhões de tonéis de cento e oitenta litros cada um e alimentaria uma fonte sangrenta de setecentos litros por hora desde o começo da história.

É assim que os homens praticam a máxima de Jesus Cristo—«Amai-vos uns aos outros».

O espírito colectivo mais danoso, é o de raça, cujo princípio fundamental é a desagregação humana, a satisfação de interesses pessoais à custa de outros homens de outras nações. A tendência do «espírito de raça» é necessariamente destruidora, portanto impeditiva da evolução e, como tal, contrária à doutrina cristã.

O ideal do Cristianismo está num cume demasiado elevado para que o homem de hoje o possa atingir. A inteligência humana compreende, mas de *maneira abstracta*, a beleza do ideal cristão, o qual quer que nós amemos os nossos inimigos; mas na vida corrente, o homem deixa-se conduzir pelo corpo do desejo e dá como desculpa da sua acção egoísta, ambiciosa, vingativa, a necessidade de proteger o organismo social...

¿Que vale um homem, milhares, milhões de homens?...

Bernard Shaw, o cáustico ironista, em *The man of destiny*, fantasia Napoleão em colóquio com um estalajadeiro que lhe diz:

— «Nós, os estalajadeiros, temos fartura de vinho e barato. Então, é-nos indiferente vazá-lo nos rios... Vós outros, grandes generais, tendes muito sangue ainda mais barato; por isso vos é indiferente derramá-lo».

—«O sangue não custa nada» — respondeu Napoleão; «ao passo que o vinho... êsse custa dinheiro».

¿Como os homens se *amam* uns aos outros! Oh!... A Civilização Cristã dos homens!...

A medicina precisa de caminhar. A dor humana varia ao infinito e necessitamos de meios, também infinitos, para atenuá-la, para minorá-la, o que será encontrado no estudo e no conhecimento da ciência espiritual.

Com a chave do Espiritismo e com a luz da experimentação, poderemos abrir as portas e iluminar êsse mundo infinito, não descortinado pelos nossos sentidos materializados.

Dr. Inácio Ferreira

Que estará para acontecer?

por Léo

NÓS não sabemos, não o sabe ninguém. Mas aquêles que acima de tudo respeitam a vontade divina, apercebendo-se que a vida, mais de que prazer e uma esperança é principalmente um dever, estarão prontos para o que vier. ¿Que a vontade de Deus seja feita! Porque se é certo que o mal nos vem da acção dos homens, certo deve ser também que o poder divino presidirá aos nossos destinos, e que se a tempestade desabou sobre a terra com tãda a violência de que é capaz a brutalidade e a inferioridade humana, nem por isso a justiça de Deus nos abandonará. E aquêles que vivem mais pelo pensamento do que pela acção, já terão observado que o mal é necessário para trazer ou aproximar o bem. Não nos alarmemos, pois. Qualquer que tenha de ser o nosso sacrifício, estejamos prontos para recebê-lo, corajosamente, em nome de Deus, por amor de Deus.

A vida apresenta-nos constantemente as suas duas faces, tão opostas: a alegria e a dor. A primeira, quando chega até nós torna-nos leves, ligeiros, porque ela canta e sorri — e conduz-nos à inconsciência; a segunda, ao contrário, torna-nos pesados, sombrios, porque ela geme e chora — mas ensina-nos a pensar. E se, de momento, a primeira tem tãda a nossa simpatia, porém, depressa se afasta, nada mais deixando do que uma desilusão, a dor, pelo contrário, se é suportada com paciência, com a convicção dum dever que se cumpre, além da consoladora sensação que nos dá todo o sacrifício consciente e resignado, tem beleza, tem elevação.

Infelizmente, não costumamos ter o espírito em condições de suportar o sofrimento sem essa lamentação dolorosa de vítimas inocentes, — quando não é com desespero ou com revolta. Mas felizes daqueles que impregnados de Fé e de amor divino, de beatífica aspiração, se comprazem com a amargura, convictos, certos de que nesse martírio está a sua purificação. Efectivamente, em cada mágoa sofrida, em cada angústia suportada com devoção piedosa, quanto benefício para a nossa alma, e que gigantescos passos teríamos avançado no caminho da libertação! Tudo nos prova que o martírio traz em si,

A REENCARNAÇÃO

pelo Dr. Sebastião Elvico Martins

I

DEPOIS de *O Problema da Morte*, no qual analisámos uma parte do livro *A Morte*, de Maurice Maeterlink, assim como *A Crise da Morte*, de Ernesto Bozzano, vamos agora completar esse estudo palpitante com o presente artigo, como complemento natural da análise às considerações, nem sempre justas, que o citado autor belga fez aos estudos psíquicos empreendidos com notável êxito pelos autores espiritas e teosóficos de todos os continentes.

Acentuámos que Maeterlink era um filósofo martirizado pela dúvida e que, dando largas ao seu pensamento admirável, se mostrava insaciável de infinito, porque tôdas as hipóteses neo-espiritualistas, por mais audaciosas que fôsem, não o satisfaziam por completo.

Dissemos também que êle era honesto nos seus processos críticos, colocando-se sempre à margem de tôdas as filosofias ou religiões, não se filiando em nenhuma dessas correntes, para melhor perscrutar a verdade entrevista em tôdas elas.

Esta atitude só honra quem a assume, como o tem feito aquêle grande pensador flamengo.

oculto sob o seu feio manto negro, um facho de luz.

É todavia certo que a angústia moral como o padecimento cruciante do nosso miserável corpo, custa muito a suportar; mas custará incomparavelmente menos se em vez de nos lamentarmos, considerando-nos desgraçados, nos dispusermos a receber essa prova como remédio purificador, como libertação dum mal que nos tolhia o passo, que nos impediria de alcançar o bem, a felicidade, a paz. Um sofrimento que sendo inevitável para nos libertar dum pesado fardo, não deveria ser aceite de má vontade, mas ambicionando a coragem de o tolerar até ao fim com estoicismo, com fervor religioso. Porque o melhor está para vir.

Todavia, êle presta homenagem aos esforços titânicos dos investigadores neo-espiritualistas e confessa que «*ainda não chegou a hora de se tirarem conclusões*» duma ciência nascida há menos de um século.

Uma confissão destas, feita por um intelectual dos mais categorizados da literatura mundial, só nos desvanece e incita na pesquisa de novas verdades para se completar o quadro, já vastíssimo, do panorama científico do psiquismo moderno.

Afirmámos também no último artigo que seria difícil qualificar Maeterlink como escritor e filósofo, mas aventámos que êle poderia ser classificado como um crente vencido mas não convencido, em virtude das provas esmagadoras e insofismáveis que o Espiritismo lhe forneceu, embora não satisfizessem por completo o seu espírito torturado pelas dúvidas inquietantes.

Em todo o caso, o facto dêle se inclinar para a nossa hipótese explicativa é a prova da superioridade dos nossos postulados e o reconhecimento da honestidade dos nossos processos de investigação, neste domínio da ciência.

Dissemos também que Maeterlink tratava

Antes, porém, nós teremos, talvez, que nos revestir de paciente resignação. Dêmos então a esta vida o seu verdadeiro sentido, como passagem, que é, para a depuração das nossas almas, e não como é costume pretender-se que seja, uma estação de prazeres e de bem-estar.

Disponhamo-nos a sofrer, para ganhar; para depois nos regosijarmos de ter sofrido e sabido sofrer.

Nós não viemos buscar a dor, mas se ela nos fôr imposta, tenhamos a coragem de a receber com um belo gesto espiritual, em que haja grandeza.

¿Como adivinhar o que nos caberá desta magia negra que o desvario fez cair sobre a terra?!

admiravelmente do assunto da Reencarnação no seu livro já citado, e que esse tema seria o alvo deste artigo. É o que vamos agora tentar e para ele pedimos a benevolência dos leitores, atendendo a que ainda estamos muito longe de possuir a competência desejada para enfrentar um tema tão importante e de tantas responsabilidades, como o da Reencarnação.

Entretanto, confiados nessa benevolência, vamos, desde já, sem mais delongas, entrar nesse capítulo, um dos mais interessantes e talvez de mais vastas repercussões nos sectores infensos, que o Espiritismo sustenta e defende perante todas as filosofias e religiões predominantes na Europa e na América.

As experiências do Coronel De Rochas

Maeterlink demora-se com certo prazer intelectual na análise das provas científicas da palingenésia e da transmigração das almas, mas omite os argumentos de ordem moral ou sentimental que todos os escritores espíritas põem em relêvo, como consequência da aplicação prática desse postulado.

Quanto às provas deduzidas das aptidões inatas do génio ou mesmo de certas crianças-prodígios, aptidões para ele *bastante inexplicáveis*, e que relega para as *leis desconhecidas da hereditariedade*; quanto a essas provas acumuladas pelo labor paciente de todos os investigadores, repetimos, a Maeterlink nada interessam e prefere aplicar a conspiração do silêncio.

O que o surpreendeu e quase convenceu foram as experiências interessantíssimas do coronel De Rochas com o adormecimento de certos sensitivos e, por meio de passes magnéticos longitudinais, fazer-lhes subir todo o curso da existência, ou seja o que vulgarmente nós chamamos a regressão da memória.

Depois, cita um dos casos mais simples: o duma rapariga de 18 anos, chamada Josefina residente em Voiron, na Isère, França. Sonambulizada, ei-la volvida ao estado de criança, amamentada pela mãe. Os passes continuam e já não pode falar; temos o grande silêncio da infância, ao qual parece suceder outro silêncio, quicá mais misterioso. Josefina só responde por sinais; ainda não nasceu, flutua na escuridão. De Rochas in-

siste nos passes magnéticos e, de repente, do fundo daquêlê sono, eleva-se a voz dum velho aborrecido e desconfiado. Interrogam-no. Recusa responder; está ali, fala, mas não vê nada, porque se encontra na escuridão. Redobram-se os passes e a sua confiança no experimentador acentua-se. Chama-se João Cláudio Bourdon. Conta então a sua vida. Nasceu na comuna de Polliat, em 1812. Fez o serviço militar e narra as suas façanhas mavoríticas, enquanto o sensitivo faz o gesto de retorcer o bigode imaginário.

A experiência continua. Agora é o morto que fala e as suas revelações de além-túmulo não são sensacionais, acentua Maeterlink. Sente-se sair do seu corpo, mas ficou-lhe ligado por bastante tempo.

Depois, tem a idéia de reencarnar, e aproxima-se daquela que será sua mãe (a mãe de Josefina, o sensitivo).

De Rochas tenta tornar a experiência mais interessante e, após uma magnetização de quasi três quartos de hora, reconduz o velho João Cláudio ao estado de criança. Novo silêncio. Depois, outro ser desconhecido e inesperado surge daquêlê mundo misterioso e desta vez é uma velha mã e sofredora. Envolvem-na densas trevas e fala dificilmente; porém responde com certa ligeireza às perguntas que lhe fazem, e declara chamar-se Filomena Carteson. Já não sofre, parece muito calma e responde secamente. Nasceu em 1702, casara em 1732 e teve dois filhos.

Antes da sua encarnação, Filomena fôra uma rapariguita, falecida em tenra idade; antes disso, tinha sido um homem que fôra assassino; por isso, sofrera muito na escuridão, ainda depois da sua vida de criança, em que não tivera tempo de fazer mal, para que expiasse o seu crime.

De Rochas não prolongou mais o sono magnético do sensitivo, porque êste estava esgotado e as suas crises incomodavam o experimentador e os assistentes desta quasi inverosímil experiência pelo mundo do Além-túmulo.

Bastavam estas experiências do Coronel De Rochas, como as de Colavida e outros investigadores, para demonstrar que a teoria da Reencarnação não é uma invenção adrede para embelezar a nossa doutrina; não, é um facto demonstrado e confirmado por inúmeros psiquistas. A sua veracidade torna-se cada vez mais axiomática e dentro de pouco entrará no domínio público com as mesmas honras de outras descobertas, que foram im-

pugnadas pelos seus opositores mais acérrimos, como, por exemplo, o magnetismo, a electricidade, o vapor e tantas outras invenções maravilhosas, que demonstram a actividade do pensamento e a iniciativa formidável dos obreiros da ciência criadora contemporânea.

Maeterlink quer provas

Para Maeterlink, porém, agarrado ainda à teoria muito contingente da influência da memória latente no subconsciente do *médium*, — não obstante os argumentos sobre esse capítulo estarem já bem estudados e impugnados por todos os metapsiquistas — para Maeterlink, continua a sugestão inconsciente a pesar muito no seu ponto de vista.

Porém, esmagado pela evidência dos factos, o seu espírito flutua entre as duas hipóteses antagónicas e parece que a nossa sobrepuja a contrária. É o que se deduz d'este passo do seu livro precitado:

«É muito para lastimar que os argumentos dos teósofos e dos neo-espiritualistas não sejam peremptórios; pois nunca houve crença mais bela, mais justa, mais pura, mais moral, mais fecunda, mais consoladora, e, até certo ponto mais verosímil que a sua. Só ela, com a sua doutrina das expiações e das purificações sucessivas, dá conta de todas as desigualdades físicas e intelectuais, de todas as iniquidades sociais, de todas as injustiças abomináveis do destino. Mas a qualidade duma crença não é documento de verdade. Ainda que essa crença seja a religião de seiscentos milhões de homens, a mais próxima das misteriosas origens, a única que não é odiosa e a menos absurda de todas, ser-lhe-á necessário fazer o que não fizeram as outras: exhibir testemunhos irrecusáveis. O que ela nos exhibiu até aqui, é apenas a primeira sombra de um começo de prova».

Eis como Maeterlink, já octogenário, a quem devem preocupar bastante estes problemas, se pronuncia sobre a reencarnação.

Já dissemos que este seu livro *A Morte* foi editado há muitos anos, e por isso as suas convicções acerca dos estudos psíquicos devem estar muito modificados. A prova disso é o seu conto infantil *O pássaro azul*, trasladado para o cinema colorido e exibido ultimamente em Lisboa, constituindo um autêntico êxito. Nesse filme admirável, um verdadeiro mimo de literatura e inocência infantil, — pois que quasi todos os intérpretes são crianças — o assunto predominante e em foco é exactamente o problema da reencarnação, que o seu autor trata e desenvolve magistralmente a contento de leigos e crentes.

Eis porque, actualmente, Maeterlink, pode ser classificado como um espirita, embora não militante.

Diz-nos êle que a nossa hipótese explicativa necessita de «*exibir testemunhos irrecusáveis*» para se poder impor às outras religiões. Pois bem: é isso mesmo que vamos agora tentar fazer, escudando-nos em outros autores não citados por Maeterlink, o que demonstra *a priori* que êle não compulsou nem analisou — ao menos perfuntoriamente — a abundância de *testemunhos irrecusáveis* disseminados em tantas publicações da literatura neo-espiritualista.

Outro facto que se não deve esquecer é o de Maeterlink, neste seu livro em causa, nunca se referir ao ternário do homem, defendido e demonstrado pelos tratadistas espiritas. É por isso que nunca encontrámos nas páginas do seu trabalho a palavra perispírito.

Dêste modo, desprezando o principal elemento para nos explicar a técnica das materializações que, afinal, não são mais que reencarnações temporárias, ¿como poderia Maeterlink compreender cabalmente a reencarnação? Assim se explica o insucesso das lucubrações do seu espírito genial, porque parte de premissas erradas, e, quando estas estão erradas, as conclusões enfermam do mesmo mal. É o que ensina o silogismo.

A evidência dos factos

Vamos agora aos testemunhos irrecusáveis que provam exuberantemente a teoria da reencarnação.

Podíamos aqui citar muitos autores, mas não nos seria possível referir todos os factos até agora por êles coligidos, nem os limites d'este artigo os comportariam, porque êles são tantos que já constituem legião. Limitemo-nos a dois: um, o espanhol Fabian Palasi, redactor da revista *Lumen*; outro, o bem conhecido engenheiro Gabriel Delanne, um dos maiores pioneiros do Espiritismo em França, e que procurou sempre enquadrar os fenómenos mediúnicos como factos científicos, e demonstrá-los pelos mesmos métodos que a ciência oficial preconiza, a-fim-de os tornar acessíveis à compreensão de todos os investigadores honestos e sem *parti-pris*.

O livro de Delanne, a que nos vamos referir, é intitulado *A Reencarnação*, recentemente traduzido e publicado pela Livraria da F. E. Brasileira. Alguns passos dêsse belo trabalho literário já nós lemos numa palestra

realizada no Centro Espiritualista Luz e Amor.

Em catorze capítulos, o autor analisa a teoria da reencarnação e descreve-nos ao mesmo tempo os factos demonstrativos dêsse belo postulado, defendendo-o com fina observação e entusiasmo.

Primeiro, lança um golpe de vista sobre a teoria das vidas sucessivas na antiguidade, desde a Índia até aos druidas; depois, demonstra cientificamente a existência da alma e do perispírito, como ponto de partida para a accitação da teoria palingenésica.

Depois consagra alguns capítulos ao estudo da alma animal e às faculdades supranormais dos nossos irmãos inferiores.

Analisa ainda a questão da hereditariedade, bordão a que muitos opositores da nossa doutrina se encostam.

Sabemos que a hereditariedade, segundo Ribot, se classifica de diferentes formas: a hereditariedade directa, que consiste na transmissão, às crianças, das qualidades paternas e maternas; a hereditariedade colateral ou indirecta, muito mais rara que a precedente, como o seu nome indica, é a em linha indirecta do sobrinho ao tio, da sobrinha à tia. Finalmente, é necessário citar a hereditariedade telegónica, muito rara, sob o ponto de vista fisiológico, e de que não há, talvez, no moral, um só exemplo probante. Consiste na reprodução, nas crianças nascidas de um segundo casamento, de algumas qualidades próprias do primeiro cônjuge. É isto o que nos elucida o supracitado autor francês no seu livro *L'Hérédité*.

Mas não nos esqueçamos de que esta hereditariedade é mais, senão absolutamente, morfológica que psíquica. E se há excepções, elas são tão raras que não excluem a regra estabelecida pela observação dos factos. Eis por que o argumento da hereditariedade, tão aproveitado pelos materialistas, como ariete demolidor da crença das vidas sucessivas, cai pela base, como inconsistente e incapaz de solucionar este problema capital.

¿Como se explicariam as crianças-prodígios e as faculdades de inteligência tão vinçadas nuns e tão mediocres noutros homens que roçam pelos selvagens botocudos?

Cedamos a palavra a G. Delanne:

Em suma, a hereditariedade morfológica é a lei, pôsto que apresente tão numerosas excepções para os caracteres secundários, que não há quasi nunca identidade entre os progenitores e seus descendentes.

No ponto de vista intelectual, dá-se inteiramente

o mesmo, porque existe considerável número de exemplos de grandes sábios, que saíram dos meios mais ignorantes. Foi assim por exemplo, que Roger Bacon, Berkeley, Berzélius, Blumenbach, Brewster, Comte, Copérnico, Claude Bernard, Descartes, Galileu, Galvani, Hegel, Hume, Kant, Kepler, Locke, Malebranche, Priestely, Réaumur, Rumford, Spinoza, Xisto Quinto, Young e outros, nasceram em meios pouco cultivados, e nada podia fazer prever as notáveis faculdades que os distinguiram em grau tão eminente.

Reciprocamente, existe um número tão considerável de grandes homens, cujos descendentes foram abaixo de mediocres. Péricles procriou dois tolos, — Paralos e Xantipos. O sábio Aristippe deu nascimento a um furioso como Clínius; do grande historiador Tercidides, nasceu o inepto Milésias.

Sócrates e Temístocles só tiveram filhos indignos. Entre os romanos, vê-se o mesmo. Cícero e seu filho, Germânico e Calígula, Vespasiano e Domiciano: Cómodo. Na história moderna, o filho de Henrique IV, de Luís XIV, de Cromwel, de Pedro o Grande, como os de La Fontaine, de Goethe e de Napoleão, dispensam outros exemplos.

Melhor ainda: as crianças-prodígios provam-nos, com evidência indiscutível, que a inteligência é independente do organismo que a serve e isto porque as mais altas formas da actividade intelectual se mostram entre aquêles cuja idade não atingiu a maturidade plena. É esta uma das melhores objecções que se podem opôr à teoria materialista.

É assim que o insigne escritor francês põe o problema, e de forma tão clara e concisa, que dificilmente os materialistas, ou mesmo os teólogos, o podem refutar sem recorrerem aos argumentos sofisticos das suas inermes teorias. Isso, porém, nunca invalidará os nossos argumentos irrefutáveis, apoiados nos factos, cada vez mais evidentes e numerosos em nosso favor.

É pena que o espaço de que podemos dispor não seja suficiente para desenrolar, perante os olhos dos leitores de *Estudos Psíquicos* todos os casos compilados por Delanne; ainda assim, não resistimos à tentação de citar alguns, para correspondermos ao desejo de Maeterlink.

No capítulo dos meninos-prodígios, a história fornece-nos muitos, em que a precocidade artística, sob todos os aspectos, só pode ser explicada pelas vidas sucessivas.

Assim, temos, por exemplo:

No século XVII, Haendel, com 10 anos, compunha motêtes, que se cantavam na igreja de Hoele.

Mozart, aos 4 anos, executou uma sonata e aos 11 compôs duas pequenas óperas.

Beethoven, aos 10 anos, distinguia-se por seu notável talento de executante.

Delanne conta que teve o prazer de ver, no congresso de psicologia de 1900, o jovem

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO

pelo Dr. Fred



A TERRA

Notas gerais

○ nosso globo é um planeta como os outros. Foi formado da mesma maneira e adquiriu o mesmo destino. Só lhe podemos ver a forma pela sua sombra, quando, na ocasião do eclipse, se desenha a sua silhueta redonda sobre a lua. A forma da Terra é aproximadamente um elipsóide tetraédrico, mas os cientistas geodésicos consideram uma superfície ideal e que chamam *geóide*. Os seus eixos polar e equatorial medem, valores médios, 6356 km e 6378 km.

As superfícies dos mares e dos continentes estão na proporção de 7 para 3. A densidade média do nosso globo é de 5,5. A temperatura sobe de 1° C em cada 33 m de profundidade, calculando-se que seja duns 20.000° C no núcleo.

Os movimentos

Distinguimos doze movimentos diferentes da Terra: a rotação em volta do seu eixo (24 horas); a translação em volta do Sol (trajecto anual de 936 milhões

de km); a pressão dos equinócios (cf. adiante); o deslocamento dos polos, 430 dias (balanceamento da Terra pela evaporação das águas); o movimento global de arrastamento dentro do sistema solar em direcção à estrela Vega da constelação de Hércules (20 km); algumas irregularidades da inclinação e excentricidade da eclíptica; os outros movimentos resultam das influências combinadas do Sol e da Lua (Terra e Lua giram em volta do centro de gravidade do conjunto situado a 1770 km abaixo da superfície terrestre; Terra e Sol giram praticamente em torno do Sol), e assim resulta que a extremidade do eixo terrestre descreve uma certa curva em novêlo.

As leis mais importantes que regem os movimentos dos astros são as mesmas que regem os da Terra: as leis de Kepler e da atracção universal de Newton. Sabemos que por esta lei, a Terra atrai os corpos à sua superfície. Quanto mais perto do centro de gravidade da Terra, tanto mais são atraídos, ou, como dizemos, tanto maior peso têm. O peso dum corpo varia, pois, com o seu local, ao contrário da massa, que fica constante.

Pepito Ariola, que, aos 3 anos e meio, tocava e improvisava ao piano árias variadas.

Isto na música. Vejamos agora na pintura. Miguel Ângelo, aos 8 anos, já conhecia suficientemente a técnica do seu ofício, e tanto, que seu mestre Ghirlandajo afirmou que nada mais havia a ensinar-lhe.

Marcel Lavallard expôs o seu primeiro quadro no *Salon* aos 12 anos.

Van de Kefkhore, de Bruges, quando faleceu, com 10 anos e 11 meses, deixava 350 quadros!

Agora na literatura, na poesia e na ciência: Pascal, no século XVII, aos 13 anos, descobriu as primeiras proposições de Euclides.

Gauss de Brunswick, astrónomo e matemático, resolvia problemas de aritmética, quando tinha, apenas, 3 anos.

Vitor Hugo, a criança sublime, já versificava magistralmente aos 13 anos!

William Hamilton, aos 13 anos conhecia

12 línguas e aos 8 já o consideravam o primeiro matemático do seu tempo.

Em 1837, um pastor muito moço, Vita Magiamel, quasi uma criança, atraía os sábios de todos os países pela sua incomparável facilidade de cálculo.

Um matemático perguntou-lhe:

— Qual o número que, elevado ao cubo e adicionado da soma de cinco vezes o seu quadrado, é igual a 42 vezes êle próprio mais 40?

E o pastor respondeu em menos de um minuto:

— É o número 5.

Delanne ainda apresenta muitas outras crianças-prodígios, mas somos forçados a ficar por aqui, quanto a êste autor.

Desta sorte, como êle afirma, só a hipótese espirita da preexistência do homem dá uma explicação lógica das maravilhosas faculdades reveladas por essas crianças excepcionais.

Por isso, os corpos pesam mais na planície do que nas altitudes, e mais nos polos, do que no equador, isto é, os pesos aumentam com a latitude (e a força centrífuga diminuindo também, mais acentua a diferença).

A Terra, no espaço, é livre e as forças que a atraem podem agir tanto melhor, quanto maior for a massa do planeta, porém, enfraquecida pelas grandes distâncias interplanetárias. Para cada ponto da Terra devemos considerar uma atracção especial; mas, como os planetas são pequenos, comparados com as distâncias que os separam, assemelhamo-los a pontos materiais, isto é, supomos que toda a sua massa está concentrada num ponto, — o centro de atracção gravítica.

A idade da Terra

¿Em que estado de evolução está a Terra?

Ora, está quasi no apogeu... que atingirá daqui a alguns milhões de anos (1). A crosta da Terra já atingiu a espessura média de 125 km que as correntes de enorme temperatura (20.000° C.) perfuram. Estas correntes é que outrora formaram um grande manto de vapor de água à superfície terrestre, do qual, por condensação, resultaram os mares, cuja temperatura nos tempos idos era de 3750° C. Júpiter ainda hoje tem este manto de vapor.

¿Quando se formou a crosta da Terra? Voltaire chamou à Terra uma «cocotte» que, habilidosamente, esconde a idade...

Mas a Terra não pode ocultar os anos porque o seu diário está gravado na concentração dos sais dos mares e nos terrenos estratificados. Determinou-se a idade destas formações poderosas, conforme os tempos que levavam a destruir-se os elementos radioactivos que as constituía. Sabe-se, por exemplo, que 100 gr de urânio produzem num ano $\frac{1}{80,000,000}$ gr. de chumbo, elemento final desta «desintegração» do urânio. Na Terra encontra-se muito chumbo e pouco urânio.

Como a vida média do urânio é muito grande e os produtos da desintegração ainda se recombinaem em maravilhososo equilíbrio, nem daqui a 15 milhões de anos estará destruída a quarta parte do urânio existente. Perguntamos: ¿Há quanto tempo, então, se desagrega o urânio? ¿Terá já havido outro metal de muito maior peso atómico que o urânio, metal já desaparecido e transformado todo neste último? Um dia desaparecerá assim também o urânio, não sendo impossível que o chumbo se comece a desagregar em átomos menos pesados, tais como, tálio, mercúrio, ouro, etc. ¿Que idade terá a Terra nessa altura? De acôrdo com a percentagem de chumbo existente na Terra calcula-se a evolução desta nuns dois milhões de anos (2). Este resultado é confirmado por outros métodos, pela pesquiza das quantidades de hélio nas inclusões das rochas

radioactivas, pela espessura das camadas sedimentares, pela avaliação do arrefecimento da Terra. A rocha mais velha foi avaliada em 1.500 milhões de anos e a idade do carvão de pedra em 320 milhões de anos. Nesse tempo o Sol ainda ali não penetrara, devido aos vapores de água e às chuvas quentes que, depois, formaram os mares. Quando o Sol rompeu... foi o primeiro dia.

Não só o estudo geológico da crosta que nos mostra as diversas camadas sobrepostas e nitidamente separadas (cuja espessura varia entre poucos centímetros e além de 100 metros, sendo a mais superficial o humus, devido às matérias orgânicas de excrementos), não só a constituição da crosta nos ajuda a determinar a idade da Terra e a reconstruir a sua evolução, mas também as investigações paleontológicas. Desde que, além das planícies horizontais (3), encontramos planos inclinados com pedras soltas, podemos concluir que o solo sofria violentas revoluções. Muito importantes se tornam estas investigações, quando, nos terrenos sedimentares, se encontram fósseis de animais e vegetais, às vezes petrificados. Estes trabalhos paleontológicos são, freqüentemente, aprovados pela psicométrie, visto que os sensitivos podem facilmente estabelecer relações psíquicas com os objectos impregnados de fluidos antiquíssimos.

A Terra e o Mar

Muitos discutem ¿qual apareceu primeiro: o ovo ou a galinha? Também muitos perguntam se apareceu primeiro a água ou a Terra, porque, para alguns, em volta da crosta terrestre havia o mar primitivo. Resta saber se nesse tempo as camadas terrestres já se tinham destacado para formarem continentes.

Aliás, a Terra pareceria uma bola de água. Ainda hoje se destacam camadas, (as rugas da velhice), originadas pela atracção lunar. Que idade terá o mar?

O primitivo, — já com leite, devido à contracção da Terra cujas pressões laterais já tinham originado deslocamentos, montanhas e vales, o primitivo,

(1) Segundo Buffon, a Terra, dentro de cem mil anos, perderá tanto calor — embora constantemente aquecida pelo Sol — que já estará resfriada, como hoje se encontra a Lua.

(2) Segundo os ensinamentos da teosofia, a terra passou com a humanidade — raça anterior à nossa, a raça atlântida, o meio de toda a evolução cósmica; está, portanto, agora na 5.ª raça da 4.ª ronda da 4.ª cadeia. A matéria dos planetas não pertencentes à cadeia da terra é constituída de matéria astro-mental. Venus está no fim da 7.ª ronda da 5.ª cadeia. Os seus adeptos eram e são os nossos mestres.

(3) Por largo tempo cobertas de água, podiam depois encher-se de raízes por vegetação, embora essas águas tenham depositado, além de terras gordas, as areias, que deviam ter levado aos desertos.

repetimos, tinha menos ou poucos sais, cujas percentagens só mais tarde aumentaram com a evaporação progressiva e com a lavagem das rochas pelos rios. Estas e os sais permitem avaliar a idade da Terra em 2.000 milhões de anos. Quando a Terra chegou a este grau de resfriamento, em que a água já podia existir em forma líquida, os vapores de água que a Terra incandescente tinha vaporizado, foram comprimidos e liquifeitos à temperatura de 370° C. e sob alta pressão atmosférica. Como os vapores que rodeavam o globo também compreendiam vapores metálicos, as águas que caíram na Terra (dilúvio crítico) levaram já dissolvidos estes metais, o que explica o estado mineralizado dos mares.

Constituição da Terra. Clima e Atmosfera

A massa da Terra é de 589.10¹⁹ toneladas. A maior parte do interior terrestre consiste em ferro (estado magnético da Terra, composição ferrosa da lava) e em níquel, e, em menor quantidade, em chumbo, mercúrio, e metais nobres. Todos estes metais estão no estado de fusão, fazendo parte do *magma*. O núcleo, porém, em comparação com o resto da Terra, e devido à sua enorme compressão, tem uma densidade muito maior, explicando-se assim que seja sólido. Em volta da chamada *barisfera*, jaz a *litosfera*, constituída, nas baixas camadas, por materiais plásticos e outros, de crómio, de silício, magnésio, e, mais acima, alumínio, etc. A crosta é formada pelas rochas, umas de origem vulcânica (granito, pórfiro, basalto, pedra pomes, etc.), outras de origem sedimentar, devido a depósitos feitos pelas águas (argilas, cascalhos, areias, calcários de origem mineral ou orgânica, etc.). Depósitos vegetais formaram então os carvões (lenhite, antracite e turfa) por compressão e asfixia. A evaporação dos mares aumentou a concentração salina. Finalmente, a pressão transformou o quartzo em quartzito, os calcários em mármore, as argilas em xistos. Do resfriamento, da contracção da Terra e da atracção mútua luno-solar resultaram movimentos tectónicos, rompendo-se o equilíbrio isostático e levando — também por processos de cristalização expansiva — a fracturas da crosta, levantamentos, enrugamentos, depressões, curvaturas e dobras.

Toda a nossa Terra é radioactiva. Encontramos rádio sobretudo na *pechblenda*, urânio e minerais semelhantes (na Áustria, Congo Belga, Canadá, Portugal); além disso, quasi todos os metais leves (até ao cálcio) são fracamente radioactivos. Também as águas minerais são mais ou menos radioactivas pela presença dum produto de desintegração do rádio: a *emanação* de rádio ou *radon*, que se evola quasi todo em 48 horas, depois de sair da fonte. A *emanação* pode ser extraída por ebulição ou agitação. A matéria radioactiva, quando se desintegra, liberta calor e sa-

bemos pelos cálculos feitos que a quantidade de calor desenvolvido na desintegração permanente de todas as substâncias radioactivas terrestres, devia vencer o resfriamento, aumentando assim a temperatura média do nosso globo.

O clima da Terra está sujeito a várias influências: variações de pressão atmosférica, de temperatura, de tensão do vapor de água na atmosfera, de intensidade do campo magnético, perturbações causadas pelas manchas solares, as fases da Lua, as posições relativas do Sol, a intensidade e inclinação dos seus raios e os movimentos próprios da Terra.

O albedo da Terra, isto é, a quantidade de luz solar reflectida em comparação com a recebida, é de 0,35.

Em volta da Terra está a *atmosfera*, cujas camadas em contacto com a crosta pertencem à chamada *biosfera*. Na atmosfera, as camadas mais baixas — até 11 km (1) — denominam-se *troposfera*, que acompanham o movimento rotatório; sem esta, o nosso céu pareceria sempre escuro. Ora a *troposfera* está melhor estudada que a *litosfera*. A Terra está envolvida por um campo electro-magnético cuja intensidade se deve em grande parte a correntes eléctricas da crosta, chamadas correntes telúricas.

Arrhenius afirmou que a formidável carga electros-tática do Sol (250 mil milhões de *coulombs*) criou um campo eléctrico suficiente para explicar que a Terra, girando nêle, seja sede dum campo magnético; aliás, a sua boa condutibilidade eléctrica (constituíntes metálicos) favorece o fenómeno.

O núcleo da Terra gira como o induzido dum dínamo entre dois polos dum imã, formando-se assim verdadeiras correntes de Foucault; juntam-se as correntes eléctricas originadas pelas matérias cósmicas da corôa solar, carregadas negativamente, ionizando a atmosfera terrestre. É a descarga destes corpúsculos cósmicos que, chegando à alta atmosfera rarefeita produz a ionização do vapor de água, resultando luminosidades, como as produzidas num tubo de gás rarefeito, chamadas *auroras polares*. Todo o nosso céu seria escuro mesmo de dia se as radiações solares não sofressem uma difusão na atmosfera ionizada. A cor do céu resulta da difusão da luz branca nas partículas em suspensão no ar, fragmentos minerais, tecidos vegetais, bactérias, etc.

Quanto menor for o comprimento de onda das radiações, maior será a difusão. As moléculas gasosas difundem a maior parte das radiações da região violeta, originando assim o nosso céu azul.

Se todos os raios forem difundidos, devido à forte condensação do vapor de água, que absorve quasi toda a radiação ultravioleta, o céu torna-se encoberto.

(1) Nos polos, 11 km.; no equador, 16 km.

A refração da luz solar nas diversas camadas atmosféricas de densidade variável, que se comportam como diferentes meios ópticos, faz com que vejamos o Sol e a Lua antes do seu nascer no horizonte e ainda depois do seu ocaso; análogamente se explica o fenómeno da miragem, nas regiões muito quentes.

As correntes eléctricas produzidas pelo Sol associam-se às correntes telúricas; é claro que a superfície da Terra é electrizada negativamente por captação dos electrões emitidos pelo Sol. Os gases são electro-isoladores, mas a baixa atmosfera é condutora, já pelas radiações corpusculares enviadas pelo Sol, por outro efeito produzido pela luz solar (o efeito foto-eléctrico), já pela ionização do ar, devido à radio-actividade natural do Sol; influem ainda os produtos vulcânicos, chamas, acções mecânicas naturais, como quedas de água, ondas e ventos. O campo eléctrico terrestre mantém-se sensivelmente constante pela influência reguladora das manchas solares.

As nuvens electrizam-se positivamente por influência.

A atmosfera electricamente negativa estimula a nossa actividade espiritual e as funções vitais, conquanto a positiva as paralize. A neutralização electrostática entre as duas electricidades da atmosfera, produz a descarga a que chamamos raio, trovoadas, fenómenos muito importantes para a combinação do oxigénio, do azoto, de vestígios de hidrogénio recenformado, resultando a formação de compostos amoniacais tão necessários para os adubos.

É também a fâsca eléctrica ou relâmpago, que polimeriza o oxigénio na sua variedade alotrópica, o ozono, gás azulado que também influi na cor azul do céu e a que se deve o cheiro característico do ar depois das trovoadas.

As radiações electromagnéticas solares interferem frequentemente com as ondas hertzianas emanadas dos postos radiotelegráficos, quando ambos os comprimentos de onda estão sintonizados (este facto, aliado à ionização do vapor de água atmosférico atrás citado, explica os fenómenos do «fading» em T. S. F.). A propagação das ondas electromagnéticas acompanha a curvatura da Terra, o que se explica de duas maneiras: ou são difractadas por partículas microscópicas ou reflectidas totalmente na alta camada atmosférica condutora, chamada «camada de Heaveside». As ondas electromagnéticas transmitem-se melhor de noite, por ambas as causas produtoras da interferência se fazerem sentir muitíssimo menos; efectivamente, não há, por exemplo, ionização atmosférica produzida pela radiação ultravioleta.

As correntes dos fluidos magnéticos invertem-se de noite, acumulando-se na superfície terrestre, fazendo com que os vegetais — ao contrário do que sucede durante o dia — absorvam o oxigénio pela raiz e eliminem o gás carbónico para a atmosfera. Devido à

atmosfera, recebemos as radiações solares filtradas, principalmente as fortes radiações actínicas ultravioletas, e bem assim os raios cósmicos que chegam à Terra em segunda mão.

O ponto mais alto da nossa Terra é o Monte Everest, chegando quasi à estratosfera, que começa a partir de 11 km de altitude (os balões-sondas já atingiram 30 km, altura em que o excesso de pressão gasosa interior os faz rebentar). A esta altitude reina temperatura quasi estável (equilíbrio isotérmico) de 55° C. negativos, devido à fraquíssima capacidade calorífica desses meios gasosos. Sabe-se que nestas altitudes domina uma grande tenuidade, só se encontrando hélio, hidrogénio e geocórónio, faltando o oxigénio, tão preciso para a respiração, para as funções da assimilação e para a vida da célula ⁽¹⁾.

Em virtude da deficiência do oxigénio nas altas camadas atmosféricas, são ali difíceis as combustões, dificultando o emprêgo de motores de explosão; por isso, o oxigénio é comprimido e transportado em garrafas de ar líquido, mudança de estado que se consegue a temperaturas mínimas que dependem da pressão.

Na altura de 30-40 km encontramos uma camada ozónica que é importante, visto que absorve os raios ultravioletas, protegendo-nos assim contra os efeitos fotoquímicos.

De 50 km para cima, começa, então, a ionosfera, onde já reinam pressões atmosféricas da ordem de 1/10.000 da pressão atmosférica normal e, devido ao ar fortemente dilatado, também a densidade é muito baixa. É a altura-limite em que se propagam as ondas curtas de T. S. F.

Mais acima, até 125 km, é a zona das nuvens de pó vulcânico e das auroras boreais que se manifestam nos polos pela acção magnética da Terra e a temperatura já chega a 100 graus negativos. A uns 300 km aparecem as estrêlas cadentes que são luminosas devido à incandescência causada pelo atrito; caindo nas camadas oxigenadas e à alta temperatura a que vêm, podem arder ou explodir, para o que contribui o hidrogénio absorvido e arrastado.

As eras e a formação da Terra

Como já mencionámos, as formações das diversas camadas deram-se sucessivamente.

Distinguímos: A era proterozóica (arqueozóica, agnostozóica, azóica), dividida nos períodos arcaico, precâmbrico e algonquico ou laurentiano (períodos que melhor seriam classificados como era própria,

⁽¹⁾ Na troposfera, o oxigénio constitui 21 % do nosso ar, sendo a outra parte constituída por 78 % de azoto, pouco anidrido carbónico, vapor de água e os «gases raros» do ar.

era de transição, por já terem vida); a era primária ou paleozóica, dividida nos períodos câmbrico, silúrico (inferior, ordoviciano e superior, gothlandiano), devónico e antracolíptico; a era secundária ou mesozóica, dividida nos períodos triásico, jurásico e cretáceo; a era terciária ou cenozóica (neozóica), dividida nos períodos numulítico (épocas: eoceno e oligoceno), neogénio (épocas: mioceno e plioceno) e quartenário; e a era quartenária ou antropozóica, dividida nos períodos post-plioceno, quartenário médio, pleistoceno (inferior, médio e superior) e holocénico ou actual.

A duração dos períodos peleio, mezo e cenozóico está em relação de 8 para 3 para 1.

Na era *proterozóica*, a crosta da Terra constituiu os granitos, um dos primeiros produtos da fundição. Sobre eles formaram-se as outras camadas sob pressão a temperatura muito elevada, não sendo ainda estratificadas.

Com o resfriamento, algumas substâncias atmosféricas tornaram-se líquidas e precipitaram-se nas fendas da Terra, constituindo os futuros filões de ferro, enxofre, cobre, chumbo, etc.

Do período arcaico (era de *transição*), possuímos, debaixo das camadas câmbricas e silúricas, sedimentos rochosos e vulcânicos que se encontraram nos territórios dos índios canadianos, chamados algoncinos. Por isso, esta época também se chama algonónica.

O seu fim foi um grande cataclismo, em que toda a crosta terrestre sofreu grandes abalos vulcânicos, levando-a a enrugamentos e levantamentos do terreno. Esta época é denominada a revolução lorentiana. Pelas ruturas da crosta borbulhou o *magma* originando as chamadas rochas eruptivas (basalto, pórfiro, etc.); devido à actividade vulcânica espalharam-se poeiras finíssimas na atmosfera, fazendo com que os raios solares fôssem absorvidos, abaixando por isso a temperatura da Terra e levando às chuvas e gélidos já mencionados (dilúvio crítico). Como a Terra também tem as suas leis, as revoluções não poderiam levar à completa destruição, devido ao chamado princípio isostático que regula as relações dos volumes das massas com as suas densidades (menor volume para a mesma massa, maior densidade).

Os primeiros seres surgiram, tais como os zoófitos unicelulares (bactérias), formas rudimentares de transição entre a planta e o animal. Nasceram as talófitas uni e policelulares (algas) e os protozoários (monéras, rizópodos, esporozoários, flagelados e infusórios).

Na era *paleozóica* os gases que depois haviam de constituir o nosso ar, libertaram-se mais e mais das matérias pesadas e as águas tomaram profundidade, embora pouca, porque cobriam quasi toda a superfície do globo. Começavam já os raios solares a penetrar na atmosfera purificada, de forma que, junto com o aparecimento de terrenos sedimentosos apropriados para a vida, facilitavam o surgimento dos primeiros

metazoários, fitozoários e artozoários (vermes) assim como de outras criptogâmicas, líquenes, musgos, fungos, fetos, etc.

Mais adiante falaremos do nascimento da vida, como o princípio vital subconsciente passou do mineral ao vegetal e ao animal, sendo, depois, semi-consciente, acompanhado no homem pelo princípio intelectual e moral. Os materialistas vêem a sede d'este na célula, embora hoje já se encontrem seres vivos pre-celulares chamados ultra-virus, cujo fluido vital orgânico não será localizado numa célula.

Os seres vivos do período arcaico eram sobretudo marinhos que se davam bem em águas pantanosas, cuja vegetação floresceu muito, em virtude do ácido carbónico libertado da atmosfera. No silúrico aparecem os artrópodos e os insectos. Devido ao excesso do ácido carbónico e ao calor existente, nasceu uma vegetação riquíssima, da qual a humanidade ainda hoje aproveita o oxigénio para as suas funções de combustão. No período câmbrico e silúrico, predominavam os xistos e rochas calcáreas. Graças à elevada temperatura, à pressão das diversas camadas, à umidade intensa e aos diferentes sais depositados, os vegetais começaram a fermentar e a queimar-se lentamente em presença do oxigénio (40 % dos materiais do solo), formando a hulha. Nos tempos carboníferos, já aparecem peixes anfíbios e moluscos e mais tarde, no chamado pérmico, há abundantes formações de hulha (período antracolíptico). No período silúrico, os artiozoários estão no auge e aparecem moluscos e peixes que estão, no período devónico, em plena abundância. Na época carbonífera aparecem os anfíbios e na época pérmica os primeiros répteis (sáurios). No período antracolíptico há abundantes formações de pórfiros, sal gema e gesso e aparecem as primeiras gimnospérmicas.

Na era *secundária* a temperatura começa a diminuir (período glacial do post-pérmico) e a vegetação atrasa a sua evolução. Há depósito de rochas coradas, calcáreas, argilas e coralinas. O desenvolvimento dos materiais calcáreos nesta época, dá predominio aos animais de conchas, foraminíferos, amonites e belemnites e, um pouco mais tarde, aparecem os sáurios, os mais antigos mamíferos, os cetáceos (baleia) e os primeiros pássaros no período jurásico e cretácio). Dos mais característicos animais desta era, em que já aparece a greda branca, conhecemos os monstruosos ruminantes, especialmente, o ictiosáurio e o dinosáurio, que atingiram 25 m. de altura. No fim desta época, muito extensa, surgiram, então, os primeiros mamíferos terrestres, que na vegetação gorda encontraram as suas condições de vida orgânica. Do lado vegetal, nascem as angiospérmicas (primeiras árvores de folha), que completam a flora fanerogâmica já existente, desenvolvida no anterior paleozóico: gimnospérmicas.

Nesta era secundária era tal a distribuição geográfica, que no hemisfério norte se encontravam dois

grandes continentes, separados por um mar, em cujo centro dormia a nossa Europa. No hemisfério Sul, um grande continente reunia a actual América do Sul à Africa, antes da existência do Oceano Atlântico, já se distinguindo, porém, a Oceânia prestes a emergir.

Com a era neozóica, encontramos uma nova fase da evolução terrestre. A Terra tinha sofrido revoluções internas violentas que modificaram, tanto a forma exterior, como as condições de vida, sendo possível que quasi todos os seres fôssem destruídos. Como as massas incandescentes do interior terrestre perfuraram, com violentas explosões, a crosta que as comprimia, as rochas graníticas estalavam, formando os terrenos vulcânicos, montanhas, vales, donde resultaram as grandes bacias que receberam os oceanos, formando ilhas e continentes. Depositaram-se então as areias dos rios, o basalto, as fenolites, as argilas, o âmbar, e, sobretudo, a lenhite.

Já abundam palmeiras e ciprestes pantanosos (mono e dicotiledóneas). Como o clima é bastante quente, permite a vida a novos animais terrestres, mastodontes, macacos e, mais tarde, no chamado plioceno, aos mamíferos gigantescos: mamute, hipopótamo, rinoceronte e elefantes.

Começou, então, a era *quaternária* com um enorme cataclismo chamado dilúvio do tempo glacial, mencionado na Bíblia. Os raios solares devem ter enfraquecido muito; e, segundo rezam as Escrituras, devia ter sobrevivido um único homem: Noé.

Então, quando é que ele apareceu?

Os geólogos dividem a época diluvial, em três sub-períodos: pleistoceno inferior, médio e superior, imediatamente ao período post-plioceno. O homem devia ter surgido no pleistoceno inferior.

ERRATA IMPORTANTE DO ÚLTIMO ARTIGO (IV) Na pág. 50, último período: água líquida incompatível nas suas condições com a existência de vida. Na pág. 51, terceiro período: Temos a temperatura de 180°. Na pág. 52, segundo período: também se admite a existência outrora doutro planeta entre a Terra e Marte. Pág. 53, terceiro período: «As caudas dos cometas são transparentes... tirem «são transparentes» e quarto período e fechem o parêntese atrás de oxigénio e segue: e vapores (sódio, etc.) e último período: Se o Cosmos (finito e *ilimitado*)...

Essa alma misteriosa que tudo invade, emergirá da sombra, no futuro, qual gigante, e a ciência lhe determinará a anatomia, o funcionamento e a evolução. A nova medicina trará o factor psíquico aos primeiros planos e enfrentará o estado patológico, com meios coercivos, mais ou menos violentos.

De «A Grande Síntese»

OS FACTOS ENTRE NÓS

Casa «assombrada»

Há tempos, o nosso confrade e assinante sr. António de Matos, de Rosmaninhal de Mação, escreveu-nos, informando-nos acerca duma «casa assombrada» daquela localidade e cujos moradores vinham sendo tenazmente perseguidos pelos invisíveis. Pediu-nos que auxiliássemos aqueles humildes camponeses, a fim de obter a sua libertação.

Após havermos realizado algumas sessões no grupo «Reper-Siam», entregámos o caso ao Grupo Espirita Paz, Humildade e Caridade, integrado no Centro Espiritualista Luz e Amor e dirigido pelo nosso prestante confrade Eduardo da Silva Tavares, 2.º secretário do mesmo Centro.

O tempo passou. Os perseguidores invisíveis reagiam de várias formas ao assédio, feito a distância, pelos médiuns daquele Grupo.

Agora, chegam-nos notícias do nosso correspondente, em carta que passamos a transcrever, para edificação de todos os que nos lerem.

Rosmaninhal de Mação, 19 de Dezembro de 1941.

Ex.^{ma} Confrade:

É Romaninhal de Mação uma aldeia de agricultores que humildemente amam a terra que lhes dá o pão. Há cerca de quatro ou cinco anos, um dos seus habitantes, de nome José António de Matos, sentiu em casa fenómenos estranhos: ruídos sem causa aparente, deslocação e modificação de objectos, luzes, etc. Estes fenómenos começaram de maneira insignificante. Três anos depois, haviam a tal ponto aumentado de intensidade, que, mesmo de dia, magoavam grandemente os pobres inquilinos, que eram marido, mulher, uma filha e um neto.

Os ruídos iam de pancadas fortes e secas à produção de som muito semelhante à vibração de cordas de viola. As luzes consistiam em nuvens, globos luminosos ou simples resplendor. Os objectos eram levitados e deformados.

Além disso, os locatários sentiam autênticos choques eléctricos, a-pesar-de ali não haver energia eléctrica, e completa inibição de movimentos, quando repousavam no leito.

Assim viveu esta família, no meio de terríveis manifestações, sofrendo em silêncio, com receio de que os vizinhos os apodassem de loucos ou visionários, até que consultaram bruxos e cartomantes da região, mas sem o mínimo resultado.

Houve, até, quem os aconselhasse a exorcismar, a exconjurar a casa. Mas — ó surpresa! — os invisíveis redobram de violência nos seus malefícios, sobretudo depois das cerimónias de exconjurção, feitas pelo pároco da freguesia.

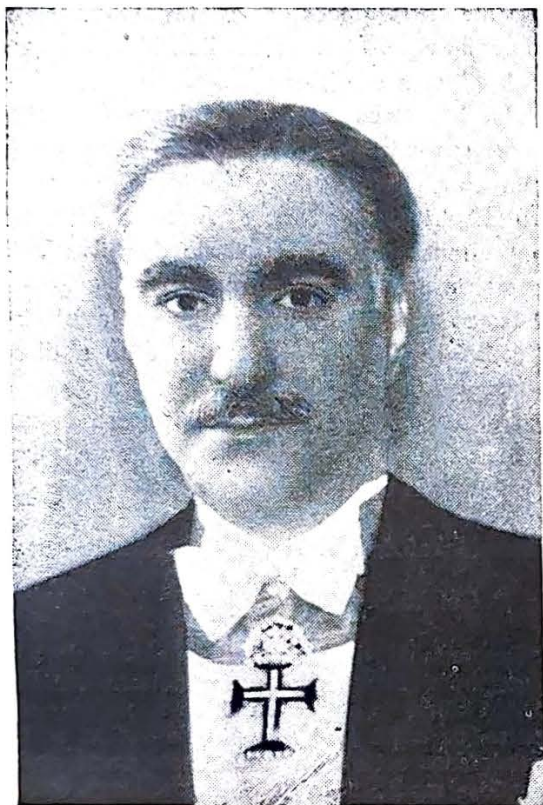
Eu não intervinha no assunto. Os sofrendores vieram, porém, ter comigo — pois todos sabem que professo idéias espiritas — pedindo-me que obtivesse a condescendência dum Centro Espirita, no sentido de os libertar da perseguição.

Como não podia deixar de ser, lembrei-me logo do

O EVANGELHO DO CRISTO

por Fernando da Cruz Ferreira

II



FERNANDO DA CRUZ FERREIRA

Que apresentação nos é dado fazer de Jesus, senão aquela feita por ele mesmo? Consideremos, pois, a sua apresentação:

O Baptista enviou dois dos seus discípulos ao Senhor para perguntar: És

tu aquêlê que há-de vir ou havemos de esperar outro? Quando estes homens chegaram a Jesus disseram: João Baptista enviou-nos a indagar de ti se és o Cristo esperado.

Na mesma ocasião Jesus curou a

ilustre director desta revista, por reconhecer nele o carácter e a dignidade que o não deixariam indifferente ante pedido de tamanha responsabilidade. Ele acedeu com tanta vontade, solicitude e carinho, que immediatamente recomendou êsses trabalhos a um Grupo de curas do Centro Espiritualista Luz e Amor. Os efeitos sentiram-se imediatamente, ainda que de maneira leve, acentuando-se, porém, cada vez mais, consoante os esforços empregados. E hoje a família importunada vive sossegadamente. Os incômodos visitantes deixaram de ali fazer o seu campo de manobras, mercê dos trabalhos realizados naquele Centro.

Aqui fica, pois, um testemunho para os indecisos e descrentes na Doutrina Espirita. Que Deus conceda a êsses obreiros da Seara tôda a luz e o amor necessários para continuarem a sua proveitosas semen-

teira, são os votos que lhe enderêço, com o preito da minha maior gratidão.

Creia-me confrade muito atento e grato

(a) António de Matos

Ao nosso prezado correspondente agradecemos os termos da sua carta. Pode estar certo de que todos aqui trabalham com os olhos fitos no Ideal e sem esperar a mínima recompensa. Doutra forma, o nosso esforço seria inútil. É com factos desta natureza que o Espiritismo se irá impondo na sociedade. Para o conseguir, não recuaremos ante os maiores sacrificios.

muitas e várias moléstias, de flagelos e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos. Depois disto, respondeu-lhes: ide contar a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os côxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, aos pobres se lhes anuncia o Evangelho; e bem-aventurado é aquêlê que em mim não achar motivo de tropeço.

Tal é o Cristo: o amigo e defensor dos humildes e dos oprimidos, dos sofredores.

O objecto da sua paixão é o pecador. A individualidade humana representa para êle um valor infinito.

Deus é pai dos pecadores. Quanto mais abatidos e vexados pelas dores físicas e morais estiver o homem, mais interêsse lhe desperta.

Haja em vista estes dois exemplos: o leproso e a mulher adúltera.

Os leprosos, no tempo em que Jesus passou pela terra, eram corridos à pedrada das cidades e aldeias.

A lei de Moisés os condenava à lapidação, se tentassem entrar nos povoados. Sobre a crueldade dessa lei que tinha por fim evitar a propagação da lepra, havia ainda a superstição com carácter religioso, segundo a qual os leprosos eram réprobos a quem Deus punia com o terrível mal.

¿E o que fez Jesus com relação àquêles infelizes? Curou-os. As chagas humanas não lhe causavam repugnância, nem pavor, mas miseração e piedade.

E não só as mazelas do corpo lhe inspiravam aquêles sentimentos, como também as da alma.

Seu gesto pela mísera adúltera apupada pela horda dos fariseus, aliado à sublime lição contida no «aquêlê que se julgar isento de culpa, atire a primeira pedra», é outro atestado eloquente do quanto lhe interessava a sorte dos pecadores, particularmente dos aflitos e oprimidos.

O cristianismo é a história do Cristo junto do pecador. Na sua maneira de agir está a sua doutrina.

Contou-me um missionário que esteve 20 anos na Índia, que naquêlê país, quando se fala em Cristianismo, o povo se mostra completamente desinteressado e céptico. Quando, porém, se faz referência à vida do Cristo no

seio da humanidade, defendendo os explorados, suavizando angústias, ensinando ao povo o meio de viver feliz, então os índios se tornam atenciosos e, cheios de curiosidade, pedem com avidez que se fale mais nesse Jesus amorável e bom.

Este facto é muito significativo. Quer dizer que as lendas forjadas pelas escolas sectárias em tórno da doutrina cristã comprometem o surto daquêlê credo. Cumpre, portanto, pôr de lado as teorias e anunciar Jesus-Cristo tal como êle é, tal como êle mesmo se apresentou aos emissários do Baptista, sarando os enfermos e anunciando aos humildes o Evangelho do amor.

E bem-aventurados aquêles que se não escandalizarem nesse Jesus que é o real e verdadeiro Cristo de Deus.

Não estamos no tempo das teorias, mas na era dos factos. O cristianismo não é uma teoria: é o mesmo Cristo revelando à humanidade as Leis Divinas.

Jesus é um facto histórico e, ao mesmo tempo, uma necessidade de todos os momentos, porque êle sintetiza, na moral em si mesmo personificada, a solução de todos os problemas da vida humana.

O método para ensinar a verdade religiosa é o mesmo que se emprega para ensinar a verdade científica: dedução e indução. Ora temos que partir dos factos para seus efeitos, ora dêstes somos levados a remontar àquêles. Não podemos mais impor crenças; temos que convidar o povo a raciocinar connosco. A fé que pretende impor-se tem seus dias contados; não tem prestígio moral, não tem vigor, jaz de há muito na esterilidade.

O momento reclama uma religião que melhore o mundo. Jesus não é inimigo da sociedade. Conviveu com os homens, tomando parte nas suas reuniões e festividades.

Êle é adversário do vício, do crime, da corrupção e da maldade.

Senão tivermos desde já o céu em nós mesmos, não poderemos encontrá-lo depois da morte.

Jesus não veio livrar-nos dêsse inferno localizado não se sabe onde: veio tirar o inferno de dentro de nós. Como? Ensinando-nos a conhecer e a vencer as paixões egoístas e animalizadas que nos torturam o espírito e aviltam o carácter.

Jesus curava e prevenia as enfermidades. Sua terapêutica era curativa e preventiva. «Não peques mais».

A saúde do corpo e do espírito é a lei da natureza, é o normal. As doenças físicas e morais são a anomalia, o distúrbio da vida. Sarando o leproso, Jesus não fez milagre: restabeleceu no pecador a ordem natural. As curas maravilhosas que operou foram todas no sentido de fazer voltar à natureza, o que dela estava divorciado.

O pecado está na vida anormal que o homem leva no mundo. Jesus veio normalizá-la. Sua fé é um cântico de louvor à natureza.

Outra característica peculiar a Jesus é a sua atitude de servidor da humanidade. «Não veio para ser servido, mas para servir»: todos os seus actos comprovam esta frase. Sua vida terrena foi toda de dedicação pelo homem. Viveu para outrem. Viver para outrem como ele viveu, não é uma teoria: é um facto que impressiona profundamente os pensadores. Seus próprios adversários — Strauss e Renan — analisando seus passos, acabaram rendendo-se à evidência do seu altruismo e de seu poder de atracção, reconhecendo em tudo que ele fez, o fruto do seu imenso amor pela humanidade.

O imperialismo na esfera religiosa, está em franca decadência. Jesus quer ser o que ele é e não o que alguns credos religiosos pretendem à viva força que ele seja.

Jesus revela-se por si mesmo àquelles que o procuram. Precisamos de sair do paganismo, buscando com Jesus a saúde, a pureza, o valor, a bondade, a alegria de viver e a imortalidade.

Ele é o modelo que devemos imitar. Ele é o médico do corpo e da alma. Ele é o pastor deste rebanho. Onde houver lágrimas a enxugar, chagas e dores a lenir, aí está Jesus no desempenho da sua missão.

Ele é por excelência o servidor da humanidade. «Vinde a mim vós todos que vos achais aflitos e sobrecarregados e eu vos aliviarei».

Ecce homo!

Esta frase de Pilatos tornou-se célebre. É a quem se referia o pro-cônsul romano?

A Jesus açoitado, escarnecido, trazendo aos ombros um manto de púrpura como usavam os reis, à cabeça uma corôa de espinhos e nas mãos uma cana, à guisa de cetro.

O Cristo de Deus assim ultrajado e envilecido, sangrando pela fronte e pelo dorso, coberto de pó, a escorrer suor e sangue, todo em desalinho, foi conduzido ao pretório, e dali apresentado ao povilão enfurecido, pelo representante de César na Palestina.

Essa figura trágica do Filho do Homem, sendo uma realidade manifesta, é também um eloquente símbolo.

Antevejo atrás daquela matéria flagelada, daquele corpo contorcido, chagado e lastimoso, refulgir em todo o seu esplendor um espírito varonil que se alteia imponente e sublimemente sobre os troféus da carne abatida e mortificada.

Jesus vilipendiado é a imagem dum soldado que regresse duma encarnizada luta, descalço, magro, olhos encovados e febris, maltrapilho, mas vitorioso, repassado de glória, sobraçando ridentes louros colhidos através da sua bravura, do seu heroísmo mil vezes comprovado no ardor das refregas e dos combates cruentos.

Realmente, em síntese, o que nos veio ensinar e o que nos exemplificou tão ao vivo o mestre excelso, senão a luta do espírito com a matéria, o que equivale a dizer da vida com a morte?

Ciumes, invejas, rivalidades e ambição; orgulho, pruridos de domínio, de ostentação e de grandeza; luxúrias, comodismo, ócios intermináveis, prazeres que só gratificam os sentidos, inclinações que tendem para a materialidade; vícios que deleitam e embriagam, que fascina, mas que desfibram e amolentam o carácter, cortejo de ministros da morte, devem ser tragados na vitória.

Imitar a Jesus — é servir a humanidade; ter a vida é permanecer no seu ideal, é vencer-mos a nós mesmos à viva força.

Imitar Jesus, é penetrar o reino dos ceus, que é o reino do espírito, portanto, o da imortalidade.

O Ecce homo de Pilatos tornou-se uma frase de renome, cumprindo assinalar que é ao mesmo tempo profundamente simbólica, pois na realidade só deve ser apresentado como homem aquêle que venceu.

Jesus foi um precursor. Se ele tivesse vindo a este mundo depois de Copérnico e Galileu, talvez nos tivesse aberto verdadeiramente o céu. À medida que o saber aumentar no nosso planeta, a religião se esclarecerá e desenvolverá. Grandes espíritos surgirão no futuro para o progresso da humanidade. Só há uma verdade: a verdade astronómica, a realidade universal dos mundos e dos seres. A religião do futuro será a religião da Ciência, reunindo em seu seio todos os seres pensantes.

Camille Flammarion

Bibliografia

por J. D. S. e S. E. M.

MILITANCIA ESPIRITA, por S. Paz Basulto — Ediciones «Progreso». La Habana, 183 páginas.

S. Paz Basulto é fogueiro publicista que acompanhamos há muitos anos com real interesse, pois os seus artigos aparecem periodicamente em *Revendo*, de Cuba, e noutras revistas espiritas sul-americanas.

O livro que acabámos de folhear é uma colectânea de artigos publicados pelo autor e agora reunidos em volume. Nêle estuda o marxismo e o fascismo à luz do ideal espirita e trata dos problemas do nosso tempo e das directrizes actuais do movimento espirita mundial, com verdadeira independência e sentido das realidades. Eis algumas frases:

«Se os marxistas manejam a flexibilidade dialéctica para dinamizar a sua rígida estrutura materialista, os fascistas presumem de espiritualistas para introduzir a sua velha mercadoria». «No marxismo, o individuo desaparece na massa gregal; no fascismo, o Estado absorve-o e aniquila-o moralmente». «No Espiritismo, o individuo ocupa um lugar tão proeminente, que podemos afirmar que sem o soberano princípio de Justiça não poderia existir esta ideologia».

Vem a seguir, uma série de biografias de vultos espiritas, que muito valorizam a obra em questão.

TRABALHOS DO GRUPO «ISMAEL», compilados por Guillon Ribeiro. Edição da Federação Espirita Brasileira. 299 páginas.

Os capítulos desta interessante obra de divulgação experimental já foram publicados no *Reformador* e são quasi todos do nosso conhecimento. Achamos absolutamente justa a sua publicação em livro, visto que ali se encontram muitos conselhos práticos dirigidos àquelles que se dedicam à catequização de desencarnados, além de esclarecimentos elucidativos e apreciações oportunas dados por alguns Guias do Grupo «Ismael», tais como, Richard, Bittencourt Sampaio, Bezerra de Meneses, Romualdo e António Saião.

O volume insere também um relato de Pedro Richard acerca do Grupo e dos primeiros alvares do Espiritismo no Brasil, donde ressalta o esforço de Bezerra de Meneses para congregar os espiritas daquele

tempo e dar novo impulso à Federação, que fôra terrivelmente abalada por ocasião da revolta de 6 de Setembro de 1903.

Emfim, trata-se duma colectânea de preciosos e utilíssimos ensinamentos bem dignos de meditação nos tempos que decorrem, cheios de perturbações e de incertezas.

JUDAS DE KERIOTH (*Reparação duma injustiça*) por Clotilde Veiga de Barros. Edições Síntese, da União da Juventude Espirita de Minas Gerais.

ESTE livro, que nos chegou às mãos com amável dedicatória do prof. Leopoldo Machado, que nele colabora com um acto radiofónico intitulado «Judas aos olhos do mundo», ao lado de Óscar Noronha Filho, Eugénio Carlos Monteiro, Noraldino de Melo Castro, Rubens Costa Romanelli e da editora, Clotilde Veiga de Barros, estuda a figura de Judas com elevado critério, para chegar à conclusão de que este discípulo do Cristo nunca foi traidor. Erros de tradução espalharam falso conceito acerca de Judas de Kerioth, pois as versões latinas registam o verbo *tradere* (entregar, transmitir, passar às mãos de) tomado em sentido muito diferente do de *trair*, *atraioar*. «Se tivesse havido traição — lê-se numa Nota a pág. 100 — esta se teria verificado anteriormente ao acto de entregar, isto é, desde que Judas concertara com os sacerdotes o plano de lhes entregar Jesus. Nesse caso, *traição* não significaria *entrega*, mas na entrega estaria a consumação da traição e, portanto, o desfecho apenas dum plano premeditado».

Obra de revisão histórica, atinge o seu objectivo através de rigorosa análise, em que predomina o sentimento de justiça.

HISTÓRIA DE CATARINA (*dedicada às crianças das escolas dominicais espiritas*) por R. Hermindo. Edição da Federação E. Brasileira, 77 páginas.

É um livrinho que merece a maior divulgação entre as crianças das escolas espiritas e as famílias que desejem educar os filhos segundo os princípios neo-espiritualistas.

É a história singela duma órfã entregue aos cuidados de sua serva Catarina, pessoa de extrema bondade

e grande discernimento que deu à tutela todos os atributos requeridos pelas mulheres modernas. Eugénia, porém, — assim se chamava a órfã — deixou radicar na alma os germes naturais da vaidade e do orgulho, que tanto obliteram o carácter feminino, e só mediante um sonho em que se viu no Além, levada pelo seu Guia, conseguiu esforçar-se por imitar a tutora, nas suas obras de bem-fazer. Foi-lhe mostrada a situação que esperava uma e outra; e em presença do contraste flagrante, em aparente contradição terrena, Eugénia aprendeu as verdades fundamentais do Espiritismo e ficou sabendo que esta vida é transitória e que dela só levaremos as boas acções que praticarmos.

O livrinho, cheio de sentimento e ternura, tanto podia intitular-se «História de Catarina», como «História de Eugénia». Mas isto pouco interessa ao caso. O que se impõe afirmar é a verdade do seu valor intrínseco, é o seu real merecimento. Temos a maior satisfação em escrever estas palavras. Pela maneira suave e correcta como está escrito, pelas gravuras que contém e pela cartonagem que o envolve, é asado para prémio escolar aos alunos que se distinguem.

I. D. S.

O DESTINO HUMANO, pelo Dr. A. Lôbo Vilela — Edição da Editorial Inquérito — Rio de Janeiro — 1941.

DEPOIS do «Problema da Sobrevivência» aparece-nos agora outro volume, do consagrado escritor espírita Dr. Vilela, não menos digno de atenção e estudo pelos nossos leitores.

Esta obra, pelas teses magistralmente defendidas, pelos problemas científicos postos em equação e resolvidos segundo o critério do autor e os postulados espíritas, pode considerar-se um complemento da obra anterior.

«O Problema da sobrevivência», dá-nos a síntese da doutrina espírita baseada na ética cristã e na certeza da imortalidade da alma; o «Destino Humano» dá-nos a análise destes mesmos princípios, transportados para a psicologia experimental. Postos, assim, em evidência pelos métodos científicos vulgares, resistem heróicamente aos dardos contundentes da crítica zoila e impotente.

Compõe-se a obra de um prefácio e onze capítulos. Todos eles estão escritos numa linguagem adequada e vibrante de convicção, e constituem um autêntico tratado de Espiritismo Moderno. A sua leitura é aliciante e convincente. Apesar de alguns assuntos um tanto ingratos pela exaustiva citação de fontes e notas explicativas, os últimos três capítulos, sobretudo, empolgam-nos pela sua clareza e concisão literárias.

O assunto palpitante que o autor aborda neste livro, duma maneira clara e racional, é o da palingénese, fulcro principal, em volta do qual se debatem as filoso-

fias oficiais, sem encontrarem uma solução completa e aceitável, que satisfaça a todas as inquietações espirituais do momento.

O «credo quia absurdum» imposto pela fé católica não resolve nem ao de leve o problema, nem resiste à mais simples análise crítica.

A hipótese teológica é, pois, vulnerável e absurda; a hipótese evolucionista é insuficiente, porque subordina e confunde a evolução anímica com a fisiológica.

Portanto, para resolver este problema máximo do destino humano, só nos resta a hipótese palingénésica, apoiada nas três provas: a racional, moral e experimental, como afirma o autor.

São exactamente os três últimos capítulos, intitulados *conhecimentos inatos, o problema do mal e regressão da memória*, que analisam este magno problema da nossa doutrina incomparável. Para eles remetemos os leitores de *Estudos Psíquicos*.

Diz o Dr. Vilela que «recusar o estudo dos fenómenos que surgem, é atraí-lo a ciência. Todas as teorias, por mais amplas que pareçam, são sempre estreitas, porque o domínio da realidade é mais vasto ainda».

Estas palavras podem ser endossadas a todos os nossos opositores, que se recusam sempre a abrir os olhos para não verem e a entricheirarem-se nas suas convicções rançosas, com a preguiça mental que os caracteriza.

Os factos, porém, falam mais alto e melhor que todas as teorias explicativas inventadas e propaladas pelos nossos inimigos. São estes factos a bandeira e o ariete, com que demoliremos a fortaleza do adversário. O futuro, como sempre, pertence à verdade, e a verdade neste mundo, ainda não pôde ser implantada por nenhuma teoria falaz, por mais aliciante e convincente que à primeira vista nos pareça. É semelhante à máscara de tragédia, muito linda, é facto, mas sem o senso comum, segundo diz Fedro.

Bem hajam os pioneiros como o nosso eminente e douto confrade. Para ele vão os nossos mais entusiásticos parabéns. Que a sua pena continue a produzir obras semelhantes à que acabámos de citar nestas colunas.

URÂNIA, por Camille Flammarion — Edição da Federação Espírita Brasileira — 1941 — 253 pag.

CAMILLE Flammarion, o poeta da astronomia, como por todos nós é conhecido, neste livro admirável desenvolve de tal modo as coisas, as idéias, as ciências, a filosofia e a própria moral, que, após a sua leitura, preguntamos a nós mesmos:

«Mas então, se os problemas máximos que a humanidade terrena ainda não conseguiu desvendar, são susceptíveis de resolução, desde que, desapaixonada-

Notas & Comentários

Jôgo de Palavras...

Psychic News, de 17 de Janeiro, refere-se ao facto da Senhora S'. Clair Stobart e do reverendo G. Maurice Elliot, que dirigem a Bournemouth's church of the Confraternity, terem substituído neste centro a palavra «espiritista» por «psiquista», visto acharem que «a palavra «espiritista» se presta a equívocos entre clero, pastores e outras eminentes entidades, muitas das quais simpatizam com o Espiritismo».

E Psychic News comenta, muito judiciosamente:

«O alvo daquela Irmandade é estabelecer ligação entre espiritas e pastores e leigos de todas as religiões. Todavia, o seu fim não deve ser aceitar auxílio, mediante a substituição dum título sob o qual têm trabalhado e suportado a oposição, feita em larga escala, por cristãos ortodoxos.

«Além disso, como justifica aquela Irmandade o título de «cientistas psíquicos»? É um centro, não é um laboratório. As suas sessões têm carácter religioso e os seus oradores, quando ali vão predicar, devem levar sobrepliz, em vez de microscópio».

E depois de afirmar que, há perto dum século, a palavra «espiritista» tem servido para denominar os que se dedicam a provar a sobrevivência, pergunta, com justificada razão:

— Não será deshonroso pretender mudar um título que foi motivo de orgulho e pelo qual se sofreu perseguição—precisamente porque «o clero, os pastores e outras eminentes entidades de Bournemouth simpatiza-

vam mais com as ciências psíquicas? Pois, em vez de perder tempo em jôgo de palavras, tratemos de enfrentar a grande missão que nos aguarda. Se alguns há que temem frequentar os nossos centros, devido à repugnância que sentem pela palavra «Espiritismo», que se vão embora. Ainda não estão preparados para aceitar a nossa verdade. Felizmente, há milhões de indivíduos que se não assustam com esta palavra e que a procuram, a fim de obter o conforto, o conhecimento, a inspiração e orientação que ela lhes fornece. «Nós sentimos orgulho de ser «Espiritista».

E assim mesmo. Aqui, também sentimos orgulho de ser espiritas e combateremos toda a ideia de modificação do vocábulo. Não é a palavra que deshonra. O que deshonra é o procedimento de quem não sabe dignificar a palavra. Saibamos honrar a memória daqueles que se sacrificaram, em holocausto às verdades eternas do Espiritismo!

Empresa gráfica «Mundo Espirita»

Os leitores sabem. «Mundo Espirita», o magnífico semanário de Henrique de Andrade que todos os sábados faz gemer os prelos no Rio de Janeiro, esteve prestes a desaparecer, devido à sua inscrição no Departamento de Imprensa e Propaganda, como «folheto de propaganda religiosa», que lhe cerceava o direito de inserir anúncios ou qualquer outra matéria paga.

Desde Março de 1941, Henrique Andrade não tem

mente os ataquemos sem nos prendermos aos preconceitos científicos ou religiosos, porque se embaraça e combate, em vez de facilitar e estimular quem se consagra a tentar resolvê-los?

Porque a clareza e a exposição dos factos desenvolvidos através das páginas aliciantes deste livro mágico é tal, que nós, simples mortais, nos sentimos alados e semi-deuses.

— Segundo a teoria atômica, diz-nos Flammarion, «o Universo, as coisas e as criaturas, tudo quanto vemos, é formado de átomos invisíveis e imponderáveis. O Universo é um dinamismo. Deus é a alma universal: *in eo vivimus movemur et sumus*» (Nêle vivemos, nos movemos e existimos).

Tal é, em síntese, a doutrina que Flammarion advoga nos seus livros.

Aos que julgam que a ciência já explicou tudo, que nada existe que não esteja dissecado e sabido. Flammarion contrapõe esta observação muito lógica e

oportuna: «Há muitas coisas que somos forçados a admitir, sem de nenhum modo poder explicá-las. Negar o que não se pode explicar seria pura demência».

«Urânia», livro vazado nos moldes românticos, visto que nêle, para amenizar a transcendência do assunto, existe um fiozinho de amor entre dois personagens principais e únicos, é digno de atenção e leitura pelos nossos confrades. Dessa leitura muitos conhecimentos advirão para fortalecer os nossos pontos de vista em face da ciência oficial. Ninguém, a não ser esse espírito infatigável que se chama Camille Flammarion, seria capaz de expor, tão claramente, problemas áridos e massudos.

Dir-se-ia que o Universo não tem segredos para ele. E diz-nos tudo com tanta convicção e calor; com tanta sinceridade e autoridade científicas, que duvidar das suas deduções e dos seus corolários seria o mesmo que duvidar da existência de Deus...

S. E. M.

descansado um só momento, apelando para todos, no sentido de aumentar o número de leitores, única forma de manter a publicação, sem solução de continuidade. Mas esses onze meses de propaganda não lhe trouxeram a carta de alforria que o libertasse do jugo económico, cada vez mais rigoroso, cada vez mais dilacerante para quem empunhava um facho de luz espiritual e sentia a vergastada dos ventos contrários, dificultando a sua marcha gloriosa. Os donativos que lhe enviavam não eram suficientes, não resolviam a questão nas suas linhas fundamentais, como se vê dos seguintes passos do «Manifesto aos Espíritas» publicado na sua edição de 11 de Outubro:

«O certo, porém, é que não poderíamos continuar a nossa existência jornalística alimentados apenas da generosidade da ajuda alheia. Humildes batalhadores da imprensa espírita, não escondemos também um certo pudor, ante o desejo de conseguir uma estabilidade económica para o jornal que fundámos com amor e até aqui conduzimos com devotamento, sem outra preocupação que não fôsse a de estarmos cumprindo o nosso dever».

Depois, é exposta a idéia da Empresa Gráfica Mundo Espírita, como medida urgente:

«É por isso, precisamente, que tomámos a deliberação de organizar uma sociedade comercial — Empresa Gráfica Mundo Espírita — ou outra melhor designação que fôr sugerida, destinada, não só a assumir a responsabilidade da circulação regular de «Mundo Espírita», como do quinzenário «Aurora» e bem assim de outras publicações que de futuro sejam úteis e necessárias ao fomento da doutrina e à difusão dos seus princípios».

O Dr. H. Andrade julga necessário realizar o capital de 200.000\$000 reis, divididos em 2.000 cotas ou acções de 100\$000 reis cada uma.

Este manifesto produziu bom resultado, como era de esperar. Uma grande tipografia explorada por sociedade que atraísse a publicidade espírita, de jornais, revistas, livros e impressos, não deixaria de compensar os sacrifícios feitos nesse sentido.

Em sua edição de 25 de Outubro, «Mundo Espírita» publicou a relação dos primeiros accionistas, que já atingiam três dezenas, com o total de 102 acções.

Era desejo do Dr. Andrade iniciar na segunda quinzena de Novembro o lançamento oficial da projectada organização por meio de subscrição pública, de forma que a sociedade pudesse ficar definitivamente constituída nos termos da lei.

Como ainda não recebemos os jornais brasileiros relativos a Novembro último, ignoramos o resultado obtido pelo manifesto.

Fazemos os mais ardentes votos pelo triunfo da empresa, que, a materializar-se, evitará o desaparecimento de dois órgãos de grande circulação nos meios espíritas brasileiros.

Marco Postal

Tiveram a bondade de nos enviar directamente a importância das suas assinaturas os seguintes confrades, aos quais agradecemos muito reconhecidos:

Albano António Ribeiro, do Pôrto, até o n.º 18; António Constantino Brites, do Cartaxo, até o n.º 18; Tomaz Domingues de Oliveira, de Pôrto de Mós, até o n.º 18; Tadeu Henrique Pinto, de Coimbra, até o n.º 18; José Nasctso Vieira, de Lagos, até o n.º 18; Torcato Cardoso Ferreira, de Almeirim, até o n.º 18 e João Marçal, da mesma vila, até o n.º 20; José Moraes Dias, de Braga, até o n.º 18.º; Manuel Urbano Alves, de Faro, até o n.º 18.

X **Mário Comenda** — Luanda — Por intermédio da nossa irmã Sr.ª D. Alda Godinho, recebemos vinte escudos relativos à sua assinatura do 1.º ano de *Estudos Psíquicos*, faltando pagar o 2.º e 3.º anos. Aguardamos a remessa dessa importância, o que antecipadamente agradecemos. Os nossos cumprimentos, extensivos ao confrade sr. Aguilar.

X **D. Alda Godinho** — Sá da Bandeira — Angola — Recebemos a sua estimada carta, bem como os selos de correio. De futuro, deve mandar selos de pouco valor, devido à dificuldade de se obter a sua venda. A irmã D. Maria Pinheiro está bem e envia saudações. Seguem alguns exemplares da revista para propaganda. Os trabalhos decorrem com animação e proveito. Cumprimentos nossos e àvante pela Causa. O caminho é para a frente. Só lutando venceremos. Espere notícias.

REFLEXÕES

Não procureis dar largas aos vossos sentimentos rancorosos. Procurai, antes, extirpar de vós essas larvas daninhas. O rancor leva-nos à prática dos maiores crimes.

Quem fôr capaz de levar a sua cruz sem murmurar, esse já tem o seu galardão.

Procurai dentro de vós mesmos o caminho a seguir. A vossa consciência vo-lo ditará.

¿Quem será aquêle que quer seguir o seu destino? A maioria dos homens procuram fugir-lhe, e daí vêm as suas quedas.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A conversão dum jornalista canadiano

A ignorância é o pior dos males que ataca a humanidade. E quando é acompanhada de vaidade satisfeita, o mal aumenta ainda mais e só um violento sopro de realidade repõe as coisas nos seus devidos termos. O homem pode duvidar disto ou daquilo, sem abandonar o equilíbrio das suas funções mentais. A dúvida é legítima, sobretudo para quem estuda, para quem analisa, para quem indaga, tentando descobrir incógnitas e remontar às causas. Mas se ele expõe a sua dúvida com desdém pelo caso em apêço, mantendo-se enfatuadamente no seu trono de sábio indiscutível; se ele nega, porque nega, sem argumento lógico, sem base científica; se ele defende o seu misoneísmo, como quem pretende conservar o «espaço vital» dos seus interesses utilitaristas, então, a dúvida é moralmente ilegítima e reverte em prejuízo individual.

O exórdio vem a propósito duma sessão experimental realizada no outono em Toronto, Canadá, à qual assistiu B. J. Fairley, redactor do semanário *Flash* (Relâmpago) e que enfileirara na hoste dos cépticos, até encontrar a luz que «mudou todo o curso da sua vida».

Eis o que ele escreveu, como prólogo de «reportagem» acerca da referida sessão:

«Se antes era céptico, agora estou absolutamente convencido de que é possível comunicar com o espírito daqueles que morreram. Estou igualmente convencido de que está perto o dia, em que poderemos falar com eles, quasi tão facilmente como falamos com os nossos semelhantes».

A sessão foi dada pelo médium Ram Singh, de quem o jornalista diz que tem sido exposto à perseguição e ao ridículo, sendo acusado de fraudes e trapças, embora tais acusações nunca pudessem ser mantidas. O próprio *New York Times* foi obrigado a confessar que se tratava dum homem sério e honesto.

Uma trombeta de oito polegadas, formada por meia dúzia de tiras de alumínio pintadas a cores luminosas, serviu para os trabalhos daquela noite. Aberta a sessão, a trombeta descreveu grandes círculos no quarto e o jornalista «sentiu o frio do objecto, quando este lhe tocou na fronte». Depois, ouviu a voz do Espírito-Guia a dizer-lhe:

— Não te atemorizes. Tu és um dos que nós queremos visar esta noite. Não te rales com a almofada (referia-se a um livro de apontamentos que ele tinha no joelho).

Logo que a trombeta parou, apareceu uma luz no meio do aposento, «a princípio nebulosa e depois tomando a forma duma pilastra erguida no soalho». E novamente se ouviu o Espírito-Guia (Felice), dirigindo-se a Fairley:

— Isto é para ti. Tua esposa julga que podes tapar a brecha existente entre o vosso mundo e o nosso. Escuta-a cuidadosamente e acredita.

E o jornalista escreve:

«A pilastra de luz tomou a forma humana, resplandecendo como estátua de mármore banhada pelo luar. Em seguida, voltou lentamente a cabeça, olhando na minha direcção. Com extraordinária nitidez, reconheci então as feições de minha mulher Eunice. Olhou para mim, a sorrir. Havia nela espantosa vitalidade. O rosto iluminou-se-lhe de felicidade e eu tive consciência das alterações do seu semblante, correspondentes a solicitude, amor e triunfo. Aquela deliciosa figura extinguiu-se, então, em luminosa neblina e a trombeta dirigiu-se novamente para mim... Eu examinava algumas palavras soltas que de lá provinham, até que, inesperadamente, uma voz se me dirigiu com a mesma inflexão e qualidade da de minha mulher:

— *How are you, «Jan»?* (Como estás, «Jan»?) «Jan» era um diminutivo usado pela esposa do jornalista e só por ela.

«Parece incrível — acrescenta ele — que qualquer dos assistentes pudesse ter ouvido aquilo». A seguir, a voz continuou:

— «Tenho tanta coisa que te contar e o tempo é tão pouco! A maior parte da tua vida passa-la conosco, passa-la comigo. A ilusão, para ti, é quando estás acordado; a realidade é quando dormes».

Eunice falava como se estivesse a explicar um pequeno problema a uma criança:

— «Os sonhos são rápidos, como relâmpagos. Representam esse período de transição, quando o teu próprio espírito volta ao corpo material. Se despertas repentinamente, tens a sensação de choque, por vezes a sensação de lágrimas. É a volta do espírito ao corpo. Outras vezes, despertas com vaga lembrança de felicidade. Isso significa que o teu espírito era particularmente feliz noutras paragens.

«A vida terrena é semelhante a um filme em movimento desenrolando quadro por quadro, enquanto a nossa é como o filme desenrolado que podemos movimentar à vontade, para diante ou para traz.

«Nós viajamos em função de tempo. Virtualmente, aqui não há distâncias. O mesmo te sucederia, se pudesses viajar com a velocidade da luz».

Depois de falar de assuntos particulares, a voz de Eunice extinguiu-se abruptamente.

Eis como o redactor do *Flash* termina o seu relato:

«Ram Singh despertou do transe pouco depois e declarou não ter a mínima lembrança do que se passara».

Este médium, que vive a maior parte do tempo em Nova-York, nunca aceitou um centavo pelo seu trabalho.

— O que eu tenho é um dom de Deus — diz ele — e um dom não se pode vender...

E, para terminar, transcrevemos as palavras com que o jornalista abre o seu artigo:

«Há menos de uma hora, num quarto escurecido do King Edward Hotel, em Toronto, ouvi a voz inconfundível de minha mulher, Eunice, falecida há sete anos e de quem eu tive um vislumbre momentâneo... quando voltou do outro lado do túmulo... para me falar da vida eterna...»

Factos desta natureza deitam abaixo todas as opiniões preconcebidas, todas as dúvidas erguidas pela ignorância dos que, por sistema, se opõem ao livre caminhar de verdades irrefragáveis. Por isso, o Espiritismo desafia toda a ciência oficial ou oficializada a impugnar os factos, sobre os quais assentam os seus firmes postulados.

Um grande sanatório em S. Paulo

O movimento espírita brasileiro continua a progredir constantemente, afirmando-se em obras tangíveis que desafiam o tempo e a felonía dos seus adversários. Queremos hoje referir-nos a uma empresa verdadeiramente grandiosa, digna de conhecer-se e louvar-se, atentando ao fim a que se destina.

Trata-se do Sanatório Beneficente Jesus de Nazaré, que a Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, de S. Paulo, está a construir em Suzano, próximo da cidade bandeirante, a quinhentos metros do caminho de ferro central do Brasil. Construído sobre uma colina, tem à direita o oceano e à esquerda as serras da Cantareira e de Mogy que vão dar aos contrafortes de Campos de Jordão. Os ares são magníficos, apropriados à cura da tuberculose.

Para fazermos ideia da grandeza deste sanatório, diremos que a área em que ele fica é de noventa mil metros quadrados, aproximadamente.

Segundo os dados que extraímos de *Alvorada de*

uma Nova Era, de Janeiro de 1941, vê-se que a parte que naquela data estava sendo construída era de três mil e oitenta e sete metros quadrados, sendo a construção geral de cinco mil cento e setenta e três metros quadrados.

O autor do projecto é o confrade António J. Trindade, director daquela publicação e fundador da Sinagoga, o qual visitou o estrangeiro, a-fim-de estudar um modelo de sanatório que pudesse ser copiado com proveito para os doentes.

Nesta construção, foram eliminados os grandes salões. Os doentes ficam reunidos dois a dois em cada quarto, para não assistirem ao espectáculo de enfermos que tosse ou vomitam. Os quartos, por sua vez, dão para *solariuns* espaçosos. Mas, além destes, há outros *solariuns* ainda maiores, pertencentes a cada corpo do Grande Sanatório e para os quais os doentes se poderão transportar na própria cama, sem serem obrigados ao menor movimento.

Os *solariuns* têm trinta e oito metros de comprimento por três de largo, ou seja, cento e catorze metros quadrados. Ao todo, há oito *solariuns*, de forma que os doentes não necessitam de cansar-se para gozar o ar puro e receber o calor do sol, que deve ser regulado convenientemente, conforme a hora do dia e a sua intensidade.

O Sanatório tem 150 quartos, cada um para dois doentes, 8 enfermarias, 6 salas de visitas para doentes, 20 banheiros divididos pelos vários corpos do edifício e 30 dependências para lavabos.

Além disto, há biblioteca, sala de operações, sala de diatermia, sala de raios X, ambulatório geral, seis consultórios, gabinete dentário, farmácia, três refeitórios para pessoal, médicos, etc., oito grandes refeitórios para doentes, quatro salas de repouso, rouparia, padaria, espaçosa cozinha, lavandaria, armazém-depensa, etc., etc.

Há também dependências para o pessoal da casa, enfermeiros, médicos e demais pessoal de serviço, localizadas no alto do vasto edifício, em quinze enormes quartos.

Finalmente, há um grande salão para conferências e reeducação de doentes, de forma que possam voltar ao trabalho sem as extranhezas e mutações do costume.

É possível que as obras desta extraordinária construção já estejam em parte concluídas. Infelizmente, não podemos fornecer mais pormenores, em virtude da irregularidade com que recebemos a publicação acima mencionada. Prometemos, no entanto, voltar ao assunto, logo que nos cheguem notícias de fonte autorizada.

O que aí fica é suficiente para que o Espiritismo seja olhado com atenção e respeito por todos os homens de bem. Obras demoníacas não se compadecem

com as mais altas virtudes que exornam o coração humano.

Não obstante os motejos e sarcasmos com que nos mimoseiam certas religiões dogmáticas, de braço dado com a ciência enfatuada, o governo brasileiro vai subsidiando com centenas de contos algumas associações espíritas, consideradas de utilidade pública, pela maneira como exemplificam a Doutrina.

É a recompensa dum trabalho contínuo de amor ao próximo, inspirado por idéias altruístas, orientadas em elevados princípios de caridade bem compreendida.

As revelações de Rosemary contadas por um profano

Mundo Argentino, de Buenos Aires, publicou em Setembro de 1940 um artigo de Lucas Terra acerca das revelações curiosíssimas de Rosemary, médium muito conhecido, em virtude das experiências feitas pelo Dr. Wood e narradas por este escritor num livro intitulado «O Milagre do Egito».

Embora o escritor argentino desconheça o Espiritismo, não deixa de ser interessante ver como ele expõe o caso aos seus leitores. Vamos, por isso, resumir o artigo, de harmonia com o espaço reservado a esta secção de *Estudos Psíquicos*.

O articulista começa por dizer que o caso mais extraordinário de Rosemary é entoar canções em idioma do antigo Egito, segundo informação dum sábio egiptólogo da Universidade de Oxford, pois nas palavras proferidas descobriam-se as vogais perdidas nos hieroglifos. As «recordações» de Rosemary, reveladas através da «escrita mecânica», como lhe chamam os espíritas, anunciam que apareceu no mundo como princesa síria, prisioneira na corte de Amenhotep II, pai de Tut Ank Amon. Depois, foi escrava, no tempo de Nero. Mais tarde, viveu como peregrina e por último foi aristocrata em França, no tempo da Revolução Francesa.

Eis como, segundo o articulista, o Dr. Wood se refere às «mensagens psicográficas» da jovem de Blackpool:

— Estamos convencidos de que as mensagens são de *Nona*, princesa egípcia, identificada como Telika, segunda esposa de Amenhotep III e que Rosemary recebe em estado de transe. Embora o nome de Telika não venha mencionado nos anais históricos, há provas de que aquêle faraó casou com essa princesa. Durante o seu reinado, Amenhotep enviou à Síria um exército comandado pelo general Rama que, depois de saquear algumas cidades, regressou ao Egito com grande número de escravas, entre as quais uma princesa chamada Vola. Estamos certos de que Rosemary

é a moderna reencarnação dessa princesa síria e podemos afirmar que *Nona*, cuja voz ouvimos através de Rosemary, é a própria rainha Telika.

O Dr. Wood explica como Vola, pequena e inofensiva, atraiu a atenção de Telika, que adoptou e levou ao templo de Karnak, para convertê-la em sacerdotiza. Os ciúmes e as intrigas provocaram a morte das duas mulheres, vitimadas numa emboscada.

Eis como Rosemary descreve a reencarnação seguinte:

— Lembro-me vagamente duma corte real completamente diferente daquela em que vivi no Egito e cujo chefe era o imperador Nero. Eu era escrava de Popeia, a imperatriz. Aquilo era um verdadeiro inferno. Durante o dia, tinha que dar maçagens à imperatriz; à noite, aguardavam-na suplicios inenarráveis. Eu própria ditei a minha sentença de morte, refutando altivamente as apreciações desprezíveis que ela fizera da religião cristã. Num abrir e fechar de olhos, fui levada a um pátio e açoitada até ao último suspiro, enquanto Popeia contemplava duma janela o meu tormento.

Rosemary é considerada pelos espíritas como «psicógrafa mecânica», — continua a escrever Lucas Terra, — a-pesar-de em certas ocasiões falar em voz alta e entoar canções, esquecidas há milhares de anos. Mas, falando ou escrevendo, acompanha as duras consoantes com tôdas as vogais duma estranha linguagem. Escrevendo em inglês, apresenta o equivalente fonético numa linguagem quási incompreensível. A primeira vez que essa particularidade se manifestou, em estado de transe, foi numa aula de música, quando ela exclamou:

— *Ah-yita-zhula!*

Depois, aturdida e envergonhada, acrescentou:

— Que palermice! Vou ficar doida.

O Dr. Wood tomou nota das palavras pronunciadas pela médium e obrigou-a a escrevê-las, concluindo que havia descoberto o esboço de vocábulos do antigo Egito. Nesta conformidade, apresentou Rosemary ao egiptólogo Dr. Hulme, da Universidade de Oxford, compilador de uma gramática egípcio-esperanto, e viu confirmadas as suas previsões.

— Eram vocábulos do antigo Egito, — disse o Dr. Wood — relacionados com o reinado de Amenhotep III. Aquilo era mais do que uma simples descoberta; era o ressurgir fonético duma língua falada naquela época e cujo descobrimento se fez, graças à pedra Rosetta, encontrada em 1799, com uma inscrição em três idiomas, dois dos quais já conhecidos. A inscrição foi traduzida e conhecidas as consoantes; mas as vogais permaneceram ocultas à ciência moderna.

Tal omissão foi devida aos escribas e sacerdotizas inventores da escrita egípcia, que saltavam as vogais,

a-fim-de poupar espaço, tempo e trabalho. Semelhante negligência ocasionou a perda fonética daquele idioma.

Eis o que o Dr. Wood afirma, no tocante às declarações da célebre médium, segundo as quais ela fôra, em determinada época, a princesa Vola:

— Muita gente se rirá de tais afirmações. Todavia, quando está em transe, Rosemary descreve com precisão a história, costumes, características, vida, música e religião desse reinado. As suas recordações encheriam um extenso volume. Ela descreveu pormenorizadamente o templo de Karnak, onde foi sacerdotiza, bem como a letra e a música dos hinos e as antigas danças religiosas dos rurais e palacianos, sob o domínio faraônico. Revelou, igualmente, alguns segredos acêrca da Esfinge e das pirâmides e referiu-se a túmulos ainda não descobertos.

Realmente, como diz o articulista, não se pode admitir que, na sua curta existência, Rosemary tenha acumulado tantos conhecimentos acêrca da história do Egito para inventar as suas estranhas narrativas. Há também quem admita a possibilidade da médium receber, telepaticamente, aquelas mensagens. Todavia, poucos seriam aqueles que as poderiam transmitir, e muito menos no caso de as vogais serem exactas.

No seu livro citado, o Dr. Wood comenta o facto de, em certa ocasião, *Nona* ter comunicado a Rosemary que futuros descobrimentos a respeito do Egito provariam que ela era Telika Ventiu, a segunda mulher de Amenhotep III.

— Sei como se poderiam fazer êsses descobrimentos — continua o Dr. Wood —. Em dado momento, será encontrado um túmulo egípcio. Pelo que me disse *Nona*, creio que a descoberta será feita por cientistas estrangeiros, provavelmente franceses, sob as ordens do governo do Cairo. O túmulo aparecerá por acaso, devido a um desmoronamento de pedra e areia, quando os cientistas estiverem entretidos com outras pesquisas, e surgirá debaixo de areia vermelha e quasi argilosa. Ali se encontrará um papiro, com a história completa da morte de Telika Ventiu e de Vola.

Eis as palavras com que Lucas Terra termina o seu artigo:

«Se um túmulo e um papiro semelhantes forem encontrados, os que escarnecem das «mensagens» e declarações de Rosemary serão obrigados a reconhecer a veracidade deste fenómeno estranho e sem explicação, que preocupa os arqueólogos e os eruditos. Além disso, abrirá caminho a uma nova ciência, de probabilidades infinitas».

Embora o articulista encare a questão do ponto de vista profano, verificando-se na sua análise algumas deficiências, provenientes da sua ignorância acêrca do Espiritismo, não resta dúvida de que procedeu conscienciosamente, motivo por que lhe fizemos larga referência.

A desencarnação da médium Margery

Devido a ter-nos chegado a notícia, já depois de paginado o último número, só agora podemos comunicar aos leitores a desencarnação de Mrs. Crandon, a célebre médium Margery, como era conhecida em todo o mundo. Soubemo-lo pelo importante semanário *Psychic News*, de Londres, que defende galhardamente o Espiritismo, sob a direcção do admirável pioneiro que é Maurice Barbanell.



MARGERY E SEU MARIDO, O DR. CRANDON

Foi em 1 de Novembro de 1941 que se deu o acontecimento. Mrs. Crandon, de quem continuaremos a falar em futuras edições, é considerada a maior médium do mundo, tais foram os fenómenos que se obtiveram, mercê das suas poderosas faculdades.

Margery (era o seu nome de solteira) começou a desenvolver a mediunidade há cerca de vinte anos, em sua própria casa, algum tempo depois do trespasse de seu irmão Walter, que tinha sido engenheiro de máquinas e se tornou o director espiritual dos seus trabalhos mediúnicos. Vivia em Boston com seu marido, o Dr. Crandon, médico muito conhecido nesta cidade pelos esforços que dispendeu na clínica gratuita destinada às classes pobres. Êste facultativo, que seguira interessadamente as experiências do Dr. Craw-

ford, realizadas em Belfast, decidiu fundar um grupo familiar e prestes reconheceu em sua mulher extraordinários dons mediúnicos. O primeiro espírito a manifestar-se foi Walter, falecido em consequência dum desastre. Resolveu demonstrar a sobrevivência e guiar a irmã através dos variados graus da mediunidade, que ela galgou com decisão e galhardia. Primeiro, vieram os «raps» e movimentos de objectos sem contacto; depois, veio o transe, vieram os «apports», a produção de ectoplasma, a materialização, a escrita directa e a correspondência cruzada enviada a três grupos distanciados entre si por muitos quilómetros. Ligando essas frases soltas, obtiveram-se comunicações completas.

Alguns anos depois, Walter perguntou o que deveria fazer, a-fim-de provar a sobrevivência da alma. Tendo-lhe sido respondido que as impressões digitais seriam a prova mais evidente, o comunicante pediu que trouxessem cêra e água quente e começou a apresentar as impressões do polegar, as quais foram identificadas com as que ele deixara numa navalha de barba de que se servira nos últimos dias da sua existência.

Para afirmar insofismavelmente a sobrevivência, deu um aspecto curioso às novas impressões digitais fornecidas. Primeiro, eram positivas, como seria natural; depois, eram negativas, isto é, transformou em saliências as reentrâncias da pele do polegar e vice-versa. Estas impressões continuaram a aparecer, não obstante a mais apertada fiscalização dos assistentes. Agora, eram propositadamente invertidas, para serem analisadas ao espelho.

Margery sujeitou-se a rigoroso controlo: Ataram-lhe os pulsos e os tornozelos, meteram-na num gabinete com paredes de vidro e aberturas por onde enfiava as mãos, que ficavam à vista dos assistentes, e as impressões digitais continuavam a aparecer tão perfeitas, que as próprias ampliações denunciavam os mais ínfimos pormenores anatómicos da epiderme. Todas estas impressões obtiveram confirmação nas repartições oficiais de Washington, Boston, Berlim, Munich, Londres (Scotland Yard) e Viena.

Na noite em que a sua parente Frances Gray faleceu em Búffalo, Walter produziu as impressões digitais da falecida, exclamando: «— ¡Eis as impressões dos polegares de Frances Gray!». No fim da sessão, o Dr. Crandon telefonou para Búffalo, pedindo ao marido da sua parente que lhe enviasse as impressões digitais dos polegares da morta. Recebidas elas, os peritos declararam que umas e outras eram absolutamente iguais.

Margery trabalhou perante muitos espíritos de valor, tais como Oliver Lodge e Conan Doyle, que foram seus hóspedes e amigos.

Para controlar os fenómenos de voz directa produ-

zidos por Margery, o Dr. Richardson inventou certo aparelho munido de bocal em ligação com determinado reservatório. Quando a médium soprava no bocal, fazia subir uma coluna luminosa, observada por todos os assistentes. Durante esse tempo, a voz de Walter ouvia-se distintamente.

Não obstante a fiscalização a que se sujeitou, Walter conseguiu realizar todas as experiências propostas a sua irmã e conseguiu fazer um discurso que foi radiodifundido e ouvido em milhões de lares. E quando alguns assistentes duvidaram de que uma só impressão digital pudesse demonstrar a sua identidade, o Espírito-Guia mergulhou as duas mãos na cêra.

Por intermédio de Margery, o espírito de Conan Doyle autografou um dos seus livros. A assinatura era perfeitamente igual à que usava o famoso escritor.

Margery e seu marido tornaram-se verdadeiros mártires, sofrendo perseguições revestidas de aparente cortesia. A sua casa era apontada nos jornais como «casa de má fama». Pois, a tudo isto Margery respondia com sorrisos de bondade, continuando a abrir as portas a muitos que, não querendo admitir, por teimosia e má fé, a verdade dos fenómenos maravilhosos que presenceavam, a caluniavam sem reboço, dizendo que ela fraudava. Margery nunca fraudou. Sujeitou-se a todo o controlo possível e a todos os tests que lhe propuseram. Jámais aceitou remuneração pelos seus trabalhos. Ao contrário, ela e seu marido espalharam muito dinheiro pelos necessitados.

O Dr. Crandon desencarnou em Janeiro de 1940. Um ano depois, Margery ia juntar-se ao marido e a Walter. Só o *Daily Telegraph* anunciou a sua morte.

Eis como «Silver Birch», guia do Centro de Hansen Swaffer, descreve a entrada de Margery no mundo espiritual:

— Ela foi recebida por milhões de espíritos, incluindo os grandes instrumentos (*médiuns*) do passado, que a vieram felicitar por ter empunhado na terra o facho da fé espírita.

O fim do Espiritismo é desenvolver as inclinações superiores da alma — e conduzi-la pela mão da Ciência — à verdade; por intermédio da moral — à caridade; pela influência da arte — à beleza; através da religião — ao Criador. É o amor do verdadeiro, é o amor do bem, é o amor do belo, é o amor de Deus!

Carlos Imbassahy

Devido à falta de espaço, tivemos que retirar alguns artigos já compostos, entre os quais «Carta aos Irmãos de Lisboa», de Henrique Magalhães, e «Ecos da Imprensa Espírita». No próximo número esperamos normalizar esta situação.

Por êsse mundo...

— O Dr. Francisco Klöres Werneck, do Rio de Janeiro, está a traduzir as obras do escritor francês Henri Regnault, entre as quais, «Il n'est pas mort», «Léon Denis et l'expérience spirite», «Seule le Spiritisme peut renover le monde», «La réalité spirite», «Tu reviveras», etc. Êste incansável obreiro é um dos maiores vulgarizadores do Espiritismo, através de oportunas traduções que edita por sua conta, sem fins lucrativos e com o único objectivo de tornar conhecidas as verdades que informam a nossa doutrina.

— O grande semanário espírita inglês *Psychic News* que, apesar das inúmeras dificuldades das comunicações marítimas, têm chegado regularmente à nossa redacção, informa que tem feito larga distribuição de exemplares nas fileiras do Exército e da Armada. Como já tivemos ocasião de dizer, mantém um *Fundo* permanente, destinado a custear as remessas, quer de exemplares das suas edições (já distribuiu 56.000), quer de livros espíritas (já distribuiu 4.500 volumes). Tanto jornais como livros, têm sido enviados gratuitamente.

— A Associação «Asas Brancas» de Estudos e Culto Cristão, de Buenos Aires, encerrou em Dezembro último os trabalhos doutrinários relativos à Cátedra Cristã, que tão belo efeito produziram no espírito daquêles que a frequentaram.

De 29 de Setembro a 5 de Outubro, realizou-se na mesma sociedade a primeira exposição pública de quadros pintados a óleo, obtidos mediunicamente, quatro dos quais de Leonardo Da Vinci e cinco de Rafael Canzizio. Esta exposição foi visitada por considerável número de pessoas, desde o humilde estudioso ao mais exigente académico.

— Em Newcastle-on-Tyne, acaba de fundar-se uma Sociedade de Investigações Psíquicas.

— A famosa médium Eileen Garrett é agora directora de *Tomorrow* (Amanhã), nova revista mensal, editada em New York City. Acaba também de escrever um livro, intitulado «Telepathy; In Search of a Lost Faculty» (A Telepatia. Estudo duma faculdade perdida).

— Próximo de Londres, abriu um novo Liceu Espírita, que funciona no Golders Green Sanctuary of the Spirit.

— Em Dover, há uma médium que sabe quando os *raids* aéreos estão eminentes. É Mrs. Dawes. Quando, há tempos, foi visitada por um soldado espírita, ouviram um forte *rap* (pancada) no aparador, seguido de aviso acerca dum *raid* aéreo. A senhora Dawes explicou, então, que os seus espíritos amigos lhe diziam que não tivesse medo. «Se ouvirmos dois ou três *raps* —

acrescentou — sabemos que estamos para ser bombardeados».

— Vai aparecer um novo semanário espírita americano intitulado *New York Spiritualist Leader*, dirigido por Margaret Blake Hall, jornalista com vinte e cinco anos de experiência em lides doutrinárias. «A-pesar-de nova em Espiritismo — declara ela — sinto que poderei contribuir muito para a difusão desta doutrina (como ciência, filosofia e religião), entre os milhões de novos conversos que surgirão durante os próximos cinco anos».

— Em Hampshire (Inglaterra) acaba de fundar-se uma nova associação espírita. Mesmo sob os ataques da *Luftwaffe*, os médiuns continuam a trabalhar e a confortar os tristes que só nas verdades espíritas encontram lenitivo para as suas mágoas.

— O médium Trevor Davis, natural do País de Gales, deu uma sessão em casa de Mr. John Butler, de Fleetwood, Lancashire, onde se produziram diferentes materializações e algumas entidades se dirigiram aos donos da casa em voz directa. Um porta-jantar flutuou sobre a cabeça dos assistentes, iluminado por luz especial, para que todos observassem o fenómeno. Finalmente, o médium foi levitado na sua cadeira, deslizando em roda da sala, onde se realizava a sessão.

— Mary Taylor tem grandes faculdades mediúnicas, embora seu marido não acreditasse nelas. Um dia, porém, numa sessão, um espírito falou pela senhora Taylor e comunicou numa língua que a médium ignorava. Era a língua havaiana. O espírito lembrou, então, ao marido incrédulo que, na última guerra, êste estivera em Havaí, a bordo dum navio, e, a propósito, contou-lhe um incidente que se dera nesse tempo. A médium ignorava que seu marido tivesse estado em Havaí.

— *Psychic News* de 13 de Setembro conta que Helen Spiers, há pouco desencarnada, foi uma das poucas médiuns a quem não surpreendeu a declaração de guerra. Em 1931, tivera uma visão, segundo a qual haveria guerra entre a Inglaterra e a Alemanha e que a primeira não estaria preparada. Em 1935, relatou a visão dum *raid* aéreo, acrescentando que lhe parecia ser em Londres.

— Os espíritas da capital de Minas Gerais estão a construir o «Abrigo de Jesus», educandário destinado a abrigar um cento de crianças desvalidas, dando-lhes alimentação, educação cristã e instrução, sobretudo profissional. Só o terreno vale 60.000\$000 reis.

— A Livraria da Federação Espírita Brasileira editou no ano de 1940/41 278.300 volumes, no valor de 176.644\$590 reis.

Noticiário

O espírito de Firmino da Assunção Teixeira comunica-se no Centro Espiritualista Luz e Amor

No dia 7 de Dezembro de 1941, realizou-se no nosso Centro a costumada sessão experimental, com o auxílio da médium sr.^a D. Maria Santana Pinheiro, que à nossa obra tem dispensado o seu precioso concurso. Era, precisamente, o dia em que se realizariam eleições de corpos gerentes na Federação Espírita Portuguesa e a sessão efectuou-se três ou quatro horas antes daquele acontecimento.

Feita a prece inicial, seguida de breve palestra pelo director da sessão, a médium cai em transe e dá uma interessante comunicação, firmada pelo grande benemérito do Espiritismo, o saudoso Firmino da Assunção Teixeira, a qual foi captada por uma senhora presente.

Publicamos esta mensagem com grande prazer, não só pelo assunto que ventila, como, também, por o espírito comunicante haver sido identificado pelo médium vidente António Alves Bartolomeu, que assistia à sessão e desconhecia inteiramente o autor das belas palavras que passamos a transcrever:

Que a paz esteja convosco, irmãos. (Dirigindo-se ao director da sessão) Fui atraído pelas tuas palavras e aqui estou a manifestar a minha profunda tristeza por ver a Causa quasi abandonada por aqueles que tão alto a ergueram e hoje são acossados por quem devia ter em melhor conta os interesses do Espiritismo... (Pausa. Depois, com intensidade crescente):

De que serviu o esforço que empreguei? Não soube evitar a derrocada daquela casa, que foi construída para fins bem diferentes... Não soube preservá-la, de modo a que a obra não pudesse ser deturpada. Por isso, souro horrivelmente.

Agora é que eu sinto bem a vibração da vida espiritual e leio na alma dos homens.

Oh Deus! Todos erram e eu também errei, porque me não lembrei a tempo de formular disposições que ninguém pudesse deturpar.

Para que consentiram que se fechassem aquelas portas?

É necessário que todos se imponham para que elas se tornem a abrir, a-fim-de que se reúnam de novo debaixo daquelas telhas, que eu deixei para esse fim.

Espíritas! Uni-vos e voltai para aquele templo. Lembrai-vos sempre daquele que sofre no Além por semelhante abandono. Lembrai-vos do que deixei es-

crito para todos os Centros que fazem propaganda espírita.

Os tempos são chegados. É necessário que a matéria se vá modificando e aperfeiçoando, através do sofrimento. Para isso, é necessário que se dispam do egoísmo e da vaidade.

Perdoai aos que erram. Não os detesteis. Não lhes aponteis o castigo, mas sim o erro em que caíram. Perdoai-lhes. Eu já lhes perdoei e oro a Deus por todos.

Quando vos tornarei a ver debaixo daquele telhado? Esse dia será para mim de grande prazer, mas hoje souro horrivelmente. Peço transmitais o meu sofrimento e a minha vontade: quero que essa casa volte ao que era dantes.

(Para o director da sessão) Irmão, trabalha, que Deus te ajudará. Põe de parte as ofensas recebidas. Não te voltes contra os culpados. Pede a Deus por eles, que têm de reparar os erros que cometeram. Desgraçados dos que lutam na maldade!

Aquêle templo! Eu não queria ver nele o gôzo material, o gôzo da fantasia, pois era um templo de gôzo espiritual. Para isso é que eu leguei os meus bens.

Para que fiz eu isso tão tarde?

Nunca me lembrei que tinha de partir. Julguei que a minha vida material duraria mais algum tempo. Se todos pensassem na partida, disporiam tranqüilamente de todos os meios para impor a sua vontade. Tudo o que fiz foi pela Causa Espírita, pelo progresso espiritual. E souro pela maldade dos homens... E ainda sinto e tenho lágrimas (o médium chora convulsivamente)... Mas para que serve, a-final, o meu sofrimento?

Quando poderei descer àquêle templo para falar a todos os irmãos espíritas?

Não se pode abandonar aquilo que vos deixei. De lá tem de sair a propaganda para toda a parte.

(O director da sessão responde com algumas palavras de esperança) Obrigado pelas vossas palavras. Tenho fé em que os erros cometidos serão reparados e que aquêle templo — que devia ser apenas espiritual — reabra para abrigar sob o seu teto toda a família espírita portuguesa.

Logo que principiou a comunicação, o médium vidente António Alves Bartolomeu pediu uma caneta ao confrade sr. tenente João da Cruz para registar a sua vidência. Quando terminou a sessão, confrontou-se o registo feito com a fotografia de Firmino da Assunção Teixeira, verificando-se, absolutamente, a identificação. A médium D. Maria Pinheiro também viu claramente o espírito de Firmino da Assunção Teixeira.

A seguir a esta comunicação, veio o espírito do tenente José Carlos da Assunção Almeida, com seus modos característicos, demonstrando o seu prazer por se encontrar en-

tre velhos amigos e dizendo que também dera o seu quinhão de esforço para erguer a Federação. Como se encontrasse na sala a filha do comunicante, sr.^a D. Ernestina de Almeida, deu-se uma cena patética entre pai e filha, cena que deixou a assistência consternada.

Os que nos deixam

No dia 3 de Dezembro passado, desencarnou no Pará o nosso velho confrade Severiano Ivens Ferraz, capitão de fragata da Administração Naval na situação de reserva e que há muitos anos fixara residência no Brasil.

Severiano Ivens Ferraz foi um missionário na verdadeira acepção da palavra. Durante mais de trinta anos serviu o Espiritismo cristão, convencido de que esta doutrina estava de harmonia com o ensino do Novo Testamento.

Em 1932, regressou de Londres a Portugal, incumbido de aqui representar a «Greater World Christian Spiritualist League» (Liga Espirita Cristã «O Mundo Maior»). A instâncias suas, *O Mensageiro Espirita*, então dirigido por Amélia Cardia, começou a publicar as alocuções de «Zodiaco», transmitidas pela médium Miss Winifred Moyes e traduzidas por ele. Pouco depois, apareceu uma edição bimestral dessas comunicações, intitulada *O Mundo Maior* e de que se encarregou a revista *Ideal Cristão*, sob a direcção do nosso confrade sr. Fonseca Baptista.

Passado algum tempo, Ivens Ferraz visitou o Brasil, onde, como dissemos, fixou residência. Ali traduziu mais de cento e vinte alocuções de «Zodiaco».

Severiano Ivens Ferraz era filho duma senhora inglesa e irmão dos srs. general Ricardo Júlio Ivens Ferraz e almirante Guilherme Ivens Ferraz.

Que ele encontre na pátria espiritual a paz e a felicidade que merece, são os nossos votos, os votos de quem muito o admirou e estimou, na sua peregrinação terrestre.

Jornais e revistas

Em virtude da guerra mundial, que dificultou extremamente as comunicações, temos recebido poucas publicações estrangeiras, motivo por que o nosso noticiário diminuiu, como não podia deixar de ser. Desde Novembro passado, que não chegam aqui jornais brasileiros. Os argentinos também se ausentaram, assim como outros das repúblicas sul-americanas. De Inglaterra, apenas chega o *Psychic News*, visto que os outros não querem permutar, no desejo de «fazer economias», coisa que não chegamos a compreender, sobretudo tratando-se duma revista como a nossa, com larga projecção e desejosa de abarcar tôdas as informações de interesse espirita.

Eis as que entraram nesta redacção, nos últimos três meses:

Cristianismo, órgão da Associação Cristã «Provi-

dência»; *Revelacion*, órgão da Associação «Alas Blancas»; *Claridad del alma*, órgão da Associação Espirita Claridad del alma, tôdas de Buenos Aires; *En la Senda de Jesus*, órgão do Centro Espirita Allan Kardek, de Avelaneda, Argentina; *Psychic News*, de Londres; *Além, Luz e Caridade*, Região de Leiria, *Gazeta do Sul e Comércio de Leixões*, tôdas de Portugal.

A uns e outros, as nossas saudações fraternais.

Referências

Eis como o *Comércio de Leixões* se referiu ao n.º 14 da nossa revista:

«*Estudos Psíquicos* — Temos presente um excelente número — o 14 — desta preciosa revista de estudos psíquicos e neo-espiritualismo experimental, que se publica em Lisboa, sob a direcção do sr. Isidoro Duarte Santos. O seu primeiro artigo — «Os Fenómenos do Espiritismo» — subscrito pelo seu director, constitui um aturado estudo sobre esses fenómenos, para demonstrar a veracidade da doutrina e impô-la aos olhos dos profanos».

Ao *Comércio de Leixões* os nossos agradecimentos.

Sociedade Espirita de Lagos

Por intermédio do nosso confrade José Narciso Vieira, de Lagos, tivemos conhecimento da fundação da Sociedade Espirita de Lagos. Aguardamos pormenores, a-fim-de elucidar os leitores.

Auxilio a «Estudos Psíquicos»

Enviaram donativos os seguintes confrades, a quem penhoradamente agradecemos:

Frederico Pereira, de Lisboa.....	5\$00
António Constantino Brites, do Cartaxo	3\$00
Tomaz Domingues de Oliveira, de	
Pôrto de Mós.....	5\$00
José Morais Dias, de Braga, em inten-	
ção do saudoso confrade Dr. Alfredo	
Mota	10\$00
Grupo Allan Kardec	13\$80
Total	36\$80

Programa dos trabalhos do Centro nos meses de Março e Abril de 1942

Dia 8 de Março, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 15 de Março, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 22 de Março, às 16 horas — Palestra pelo Capitão Carlos A. de Castro Paiva, intitulada «Astral Inferior».

Dia 29 de Março, às 16 horas — Sessão experimental a cargo dos grupos «Allan Kardec» e «Joana de Arc».

Dia 5 de Abril, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 12 de Abril, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 19 de Abril, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Influência do materialismo no espirito».

Dia 26 de Abril, às 16 horas — Sessão experimental a cargo dos grupos «Allan Kardec» e «Joana de Arc».

Dia 3 de Maio, às 16 horas — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «Entidades artificiais do mundo astral».